



**anuário
2019**

**escola
da cidade**



apresentação

A Escola da Cidade, faculdade de Arquitetura e Urbanismo no centro de São Paulo, em 2019 chega próximo de sua maioria. Após 17 anos de trabalhos e 14 turmas formadas, o corpo diretivo passa por uma grande reorganização. A presidência da Associação Escola da Cidade passa a contar com 3 presidentes, arquitetos Alvaro Puntoni, Marta Moreira e Fernando Viégas. O curso de graduação, Conselho Escola, passa a ser dirigido pelas arquitetas Cristiane Muniz e Maira Rios. O Conselho Científico também tem duas diretoras, Anália Amorim e Marianna Al Assal. O Conselho Técnico passa a ter o arquiteto Guilherme Paoliello como diretor, o Conselho Social fica com o arquiteto Anderson Freitas e criamos uma nova escola, de ensino médio, integrante do Conselho Humanidades, dirigida pelo arquiteto Ciro Pirondi.

A continuidade do programa pedagógico se afirma, inovador e reconhecido por suas experiências, com aprimoramentos específicos neste ano.

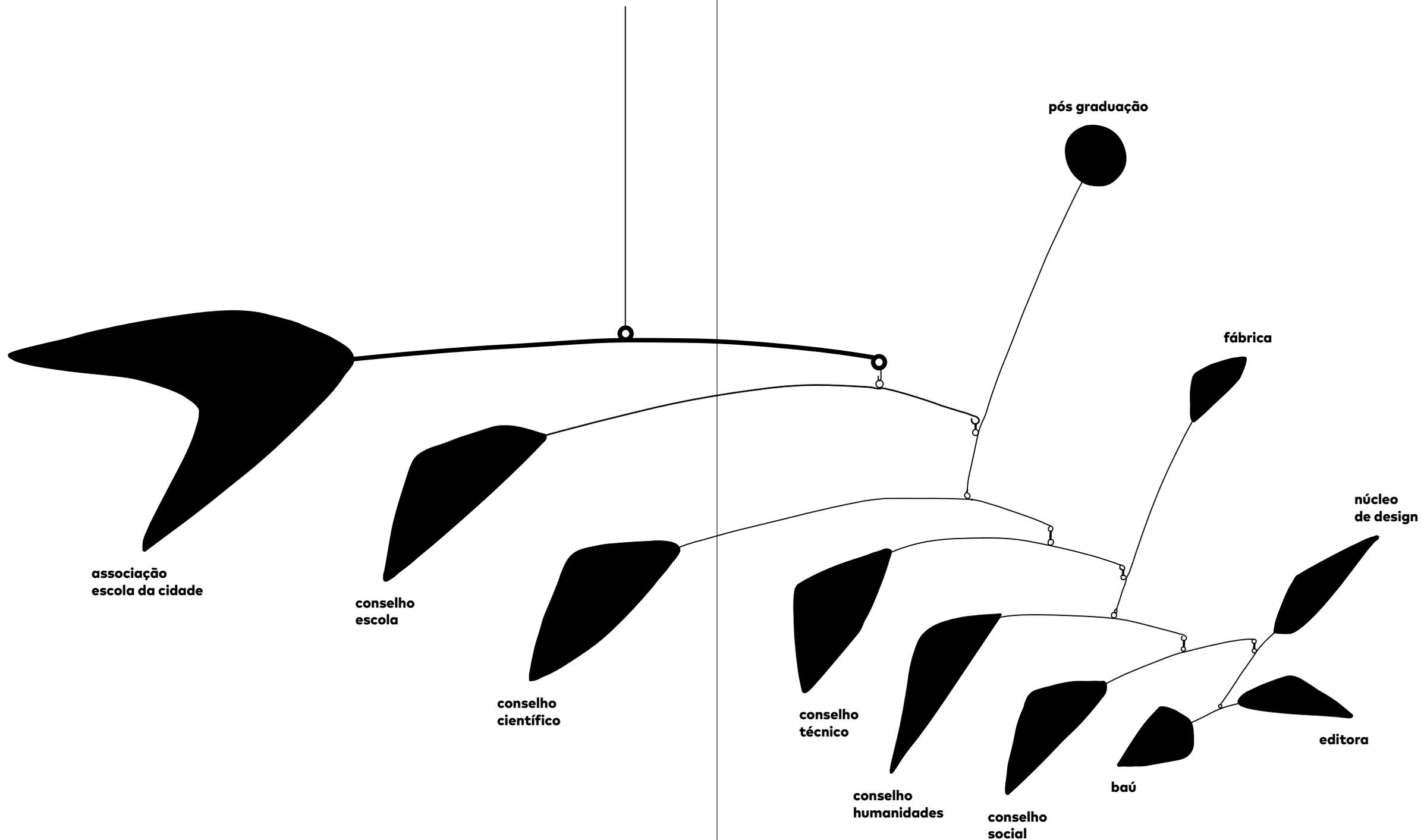
Nas reuniões do Conselho Pedagógico, desde 2018 se iniciou o debate sobre as revisões desejáveis nas sequências disciplinares na graduação. Em 2019 essas revisões e aprimoramentos começaram a se esboçar e implementar; e terão prosseguimento em 2020. Os arquitetos Vinicius Andrade e Eduardo Ferroni passaram a coordenar esse grupo e são os novos coordenadores pedagógicos do curso.

Novos programas foram iniciados, como a interlocução pedagógica, que promove importantes momentos de escuta no diálogo com os estudantes. Escutar é diferente de ouvir, é entender o que está sendo captado pela audição, mas sobretudo, compreender e refletir conjuntamente sobre o que foi conversado.

Surge também em 2019 o desenho de um programa para reaproximação aos profissionais formados pela Escola da Cidade denominado NA PRÁTICA, que terá início em 2020, e que contará com encontros periódicos para discussão da prática profissional e apresentação dos trabalhos dos participantes na Galeria da Cidade. E, ainda, o Programa de Bolsas de Estudo foi ampliado e reorganizado a partir de uma avaliação criteriosa das necessidades individuais sócio-econômicas dos núcleos familiares, no esforço de afirmar a importância da inclusão de estudantes que não poderiam pagar integralmente pelo curso.

Muitas outras pequenas ações, mas não menos importantes, foram produzidas por uma equipe extensa e comprometida.

Acreditamos que a esperança é revolucionária, transformadora, e que a generosidade é a base do ensinar-aprender: todo o conhecimento que temos e construímos não nos pertence, não é nossa propriedade, mas sim, deve circular através de nós.



associação escola da cidade

A Associação Escola da Cidade, formada em 1996, iniciará 2020 com aproximadamente 150 associados. Na última Assembleia, em março de 2019, se consolidaram os Conselhos propostos em 2014:

Conselho Escola – o antigo Conselho de Graduação, responsável pela condução da Faculdade de Arquitetura, incorporando à sua formação original a participação discente efetiva;

Conselho Científico – que deverá se dedicar à organização da pós-graduação, que compreende a Revista América, os cursos livres e a realização de pesquisas e investigações;

Conselho Técnico – responsável pela organização dos trabalhos e projetos técnicos que se enquadrem nos objetivos precípuos da Associação, além das reformas do próprio edifício da Escola;

Conselho Social – que trata das relações da associação com a sociedade por meio da Editora da Cidade, Galeria da Cidade, Baú, além de relações institucionais com movimentos sociais e outras associações afins.

Conselho Escola de Humanidade (Fábrica) – dedicado à implantação do curso de ensino médio e técnico – a Fábrica de Humanidades - aprovado pela Secretaria Estadual de Educação e Senai, em 2019.

Além disto, foi redesenhada a estrutura organizacional da Associação, a partir do entendimento que a diretoria da Associação deve ser um retrato mais fiel do quadro colaborativo ativo, e que o novo estatuto deve consolidar uma ideia na qual a Escola da Cidade é uma construção coletiva, feita por uma inteligência igualmente coletiva.

Desta forma, os cargos diretivos propostos serão agora sempre duplos, com uma coordenação associada: um diretor e um coordenador adjunto. Apenas no caso dos Conselhos que possuem estudantes vinculados em suas atividades, como o Conselho Escola e do Conselho Científico, consideram dois diretores em função das obrigações a serem assumidas. Finalmente, a antiga organização da Presidência com seus dois vices, dá lugar a um trio de presidentes.

Apenas como ilustração, aproximadamente, dos atuais 100 professores associados atuantes na Escola, temos 36 destes ocupando, neste momento, uma coordenação, direção ou

diretoria, o que parece nitidamente reforçar esta ideia de inteligência coletiva.

Como a aula, apesar de precípua, não é a única atividade da nossa Associação, com todos os Conselhos mais bem estruturados é seminal considerar todas as atividades que eles devem e podem desenvolver. É possível citar as publicações, exposições, trabalhos de consultoria, viagens, cursos livres, pesquisas, plataformas, assim como outras atividades que podem ser perfeitamente inventadas. Desta forma se vislumbra que nos próximos seis anos seja possível ter cada vez mais associados envolvidos (assim como novos parceiros), com as mais diferentes atividades que a Associação seja capaz de desenvolver e oferecer.

Deve-se destacar desde já que a transparência será norteadora de todas as atividades da atual diretoria. Neste sentido convidamos todos a participarem da vida e acontecimentos de nossa Associação e, aqueles envolvidos nestas atividades, serão sempre seus responsáveis e condutores, de forma clara, objetiva e colaborativa. Queremos que a nova diretoria possa representar uma escola aberta à cidade, como o nosso edifício após a reforma.

Nos dias sombrios em que vivemos, procuramos resgatar certos ideais há muito ensaiados. Nas palavras de Argan, sobre a centenária Bauhaus, "fundava-se sobre o princípio da colaboração, da pesquisa conjunta entre mestres e alunos, muitos dos quais logo se tornaram docentes. Além de ser uma escola democrática, era uma escola de democracia: a sociedade democrática (isto é, funcional e não hierárquica) era entendida como uma sociedade que se autodetermina, isto é, forma-se e se desenvolve por si, organiza e orienta seu próprio progresso. Progresso é educação, e o instrumento da educação é a escola; portanto, a escola é a semente da sociedade democrática. Bauhaus significa "casa da construção"; por que uma escola democrática é uma escola da construção? Porque a forma de uma sociedade é a cidade e, ao construir a cidade, a sociedade constrói a si mesma".



posse da nova diretoria



comemoração do aniversário de 17 anos da escola da cidade

1.

graduação

- 17 conselho escola
- 18 escola itinerante
- 27 vivência externa
- 28 seminário internacional
- 31 seminário de cultura e realidade contemporânea
- 32 estúdio vertical
- 43 urbanismo
- 44 história
- 47 desenho
- 48 tecnologia
- 51 projeto
- 54 exercício único
- 57 trabalho de curso
- 58 disciplinas eletivas
- 61 estúdio deriva
- 66 processo seletivo + portas abertas
- 73 outras ações: bienal chicago/sp/chile

2.

pós-graduação

- 80 apresentação
- 83 arquitetura, educação e sociedade
- 84 conceber e construir
- 87 geografia, cidade e arquitetura
- 88 habitação e cidade
- 91 mobilidade e cidade contemporânea
- 92 revista américa

3.

cursos livres

- 97 apresentação
- 98 cursos 2019

4.

ensino médio

- 103 escola de humanidades

5.

conselho científico/pesquisa

- 107 apresentação
- 108 plataforma habita cidade
- 113 programa de iniciação científica
- 116 revista caderno de pesquisa

6.

conselho técnico

- 120 ações e projetos
- 129 edifício e reformas
- 130 oficina

7.

conselho social

- 135 apresentação
- 136 editora da cidade
- 139 núcleo de design
- 140 baú
- 143 galeria

8.

estrutura

- 155 participantes

1.

graduação



cerimônia de colação de grau dos formandos no teatro oficina

conselho escola

A faculdade de arquitetura e urbanismo da Escola da Cidade completará 18 anos de aulas em 2020, sua maioridade. Neste ano de 2019 aconteceram revisões importantes na estrutura do curso, em algumas sequências [como são chamadas as diferentes áreas disciplinares] a fim de se fazer aprimoramentos pedagógicos.

O objetivo fundamental foi possibilitar que os estudantes possam escolher mais disciplinas ou áreas de interesse para

completar sua formação, possibilitando mais autonomia e caminhando para que cada um possa trilhar um curso diferente do outro.

A cada ano os eventos na escola se multiplicam, dentro e fora do programa pedagógico previsto. Apresentamos nesta publicação as atividades mais significativas de cada sequência, e ver todo esse trabalho condensado, nos faz refletir também sobre os passos futuros que teremos que dar.

escola itinerante

As viagens no contexto do curso

Semestralmente os estudantes do primeiro ao quarto ano realizam, durante a semana letiva da Escola Itinerante, uma atividade programada que os coloca em contato com culturas urbanas e arquitetônicas diversas. Esta semana de atividades pontua a metade do semestre letivo, de forma a se integrar e pautar aos conteúdos das demais disciplinas do curso.

As viagens curriculares de estudo são, ao todo, seis: quatro no primeiro e segundo anos, e duas no terceiro e quarto anos.

Novos e velhos Itinerários

Embora se valha da experiência acumulada ao longo dos anos sobre as expedições diversas que já se realizaram, a construção dos itinerários se abre também para oportunidades que se apresentam a cada ano, seja no âmbito institucional, seja no campo de interesses que se renovam continuamente, conforme as realidades vão se transformando ao nosso redor.

A princípio, os itinerários se organizam a partir de dois eixos fundamentais: Brasil e América Latina.

As primeiras quatro viagens percorrem um conjunto de cidades

brasileiras que, seja pela sua história, seja pela sua relevância no contexto cultural, urbanístico e arquitetônico contemporâneo constituem um itinerário fundamental para o conteúdo abordado pelos primeiros quatro semestres do curso. Vivenciam-se obras paradigmáticas da nossa arquitetura, cidades históricas e cidades planejadas, a sua relação com a diversidade geográfica e cultural do país.

As duas últimas viagens — programadas para os estudantes do sexto e do oitavo semestre — têm um caráter mais prospectivo, incluindo-se itinerários por outras regiões do Brasil e por outras capitais latino-americanas.

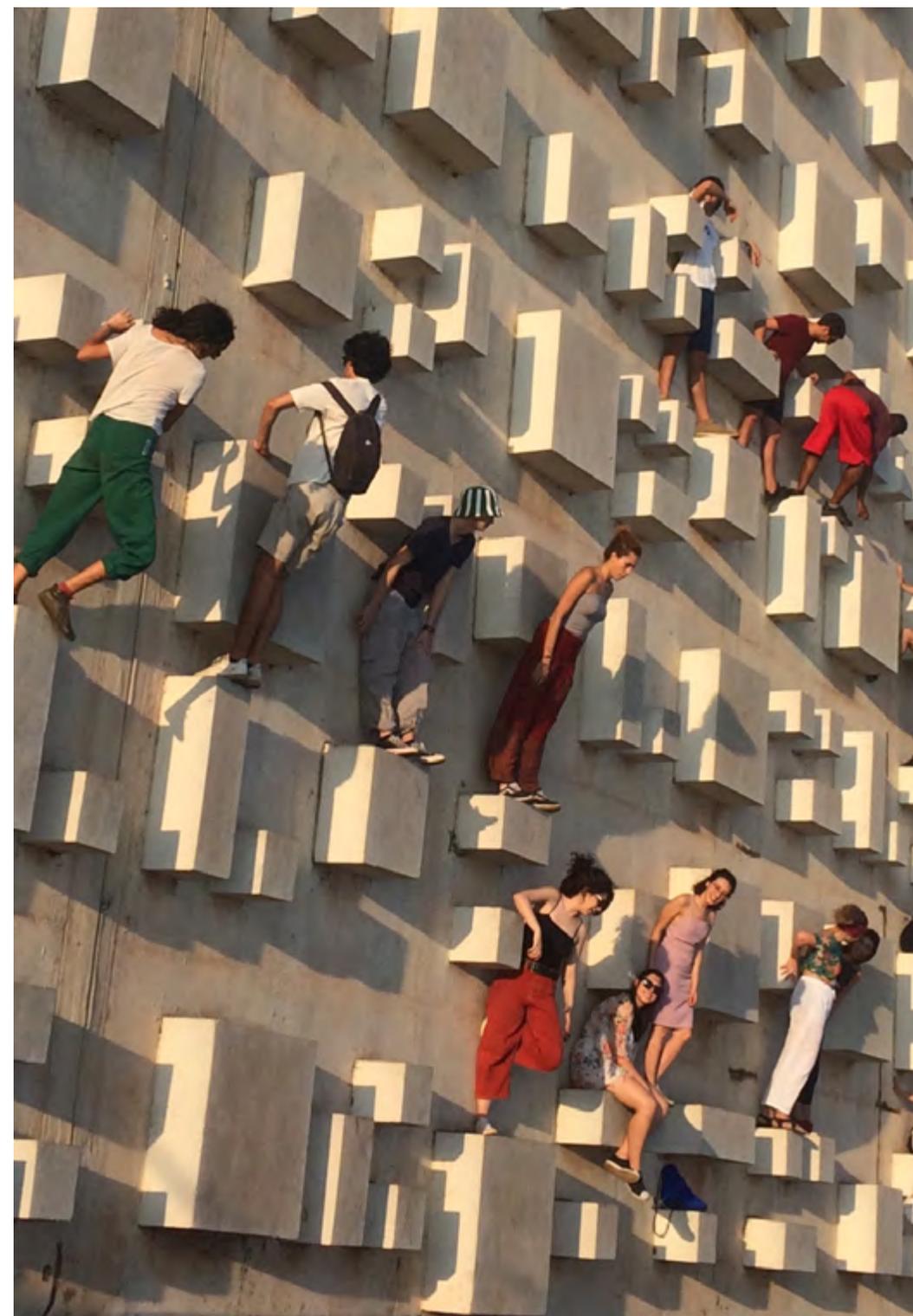
No ano de 2019, realizaram-se os seguintes itinerários:

1º Semestre:

Rio de Janeiro (1º ano)
Vale do Paraíba (2º ano)

2º Semestre:

Minas Gerais (1º ano)
Brasília (2º ano)
Paraguai (3º ano)
Argentina (4º ano)



teatro nacional cláudio santoro - escola itinerante brasilía



alunos no teletón - escola itinerante paraguai



UNB - escola Itinerante Brasília



escola itinerante minas gerais



vivência externa da aluna veridiana fiorotto. canteiro de obra de cooperativas habitacionais de "ayuda mútua"

vivência externa

A Vivência Externa constitui um momento muito particular na formação dos estudantes da Escola da Cidade. Ela se insere em um momento de transição (em que o estudante já cursou a maior parte das disciplinas) e constitui um intervalo - fora do ambiente habitual - que antecede a conclusão do curso e a graduação.

São oferecidos quatro caminhos possíveis para sua realização: Estágio Assistido, Intercâmbio Acadêmico, Pesquisa Assistida e Ateliê de Obra.

Na matriz curricular, localiza-se no décimo semestre, reservado integralmente para sua realização. Na

opção do Intercâmbio Acadêmico, é possível a obtenção de equivalências em disciplinas cursadas durante a Vivência Externa.

Em 2019 tivemos um total de 48 alunos realizando a Vivência Externa, sendo:

Estágio Assistido: 35 (Europa, América Latina e Ásia)

Intercâmbio Acadêmico: 10 (Europa e América do Sul)

Ateliê de Obra: 02 (Brasil)

Pesquisa Assistida: 01

Orientadores: Eduardo Gurian, Marianna Al Assal e Pablo Hereñú

seminário internacional

“Ainda o Direito à Cidade?”

Consolidado como um dos mais significativos eventos realizados pela Escola da Cidade, o Seminário Internacional chegou à sua 14ª edição com o tema “Ainda o Direito à Cidade?”.

Anualmente, durante uma semana, convidados nacionais e internacionais de prestígio da área de arquitetura e urbanismo participam de debates, workshops e dinâmicas que envolvem estudantes, professores e público interessado em debater temas contemporâneos da área.

O evento de 2019 aconteceu em fevereiro, na sede da Escola da Cidade e nas unidades do Sesc Pompeia, Consolação e 24 de Maio. A abertura, com entrada livre, contou com um debate dos arquitetos organizadores do evento, abordando projetos e reflexões relacionados ao tema central do Seminário.

A 14ª edição do Seminário Internacional pretendeu discutir a ideia do direito à cidade em nossas cidades contemporâneas, 50 anos depois de o conceito ter sido evocado pela primeira vez pelo filósofo Henri Lefebvre, em seu livro ‘Le Droit à la ville’ (1968).

Na América Latina e no Brasil essas discussões ganharam corpo nas décadas de 1970 e 1980, em plena ditadura militar. O conceito foi amplamente aceito e, atualmente, figura tanto na Constituição Federal, quanto no Estatuto da Cidade.

Formalmente, o direito à cidade está assegurado. A realidade, no entanto, resiste a incorporar o conceito que carece, urgentemente, de alguma aplicação prática.

Desafios:

Frente a essa realidade urbana tão descolada da cidade sonhada, o Seminário lançou o desafio de conceber estratégias e projetos inclusivos, integradores e efetivos, que sejam capazes de conduzir a sociedade a conquistas concretas para as cidades e seus habitantes. Alguns dos desafios que pautaram o Seminário foram:

- Refletir sobre o direito à cidade, a partir das ocupações contemporâneas;
- Fomentar uma discussão multidisciplinar acerca do tema;
- Incluir diferentes agentes e atores urbanos na discussão;
- Desenvolver propostas e projetos;
- Devolutiva: apresentação dos trabalhos para a comunidade;
- Editar publicação dos trabalhos.

O Seminário Internacional é realizado em parceria pela Escola da Cidade, Sesc São Paulo e Arq.Futuro.

Convidados:

José Abásolo Llaría (Chile), Mario Fernando Camargo Gómez (Colômbia), Gabriel Visconti Stopello (Venezuela), Elisa Vendemini (Itália), Michael Koch (Alemanha), Michele Di Marco (Itália), Beatriz Coeffé (Chile), Paul Devenish (África do Sul), André Czitrom (Brasil), Danilo Camargo Iglioni (Brasil), Anat Litwin (EUA)

Mediadores / comissão organizadora

Francisco Fanucci, Maira Rios, Cesar Shundi lawamizu, Vinicius Andrade, Tomas Alvim, Fernanda Barbara, José Guilherme Pereira Leite



debate no seminário internacional “ainda o direito à cidade?”

seminário de cultura e realidade contemporânea

Ao longo de 2019, a disciplina seguiu sua linha didática, trazendo para a nossa Escola uma série de discussões sintonizadas com os desafios sociais, ambientais, políticos e urbanos do momento.

No primeiro semestre, a questão ambiental foi baliza para alguns enquadramentos escolhidos: a abertura das atividades foi feita pelo professor José Miguel Wisnik, apresentado pelo professor coordenador da atividade, José Guilherme Pereira Leite. Wisnik compartilhou com nossos estudantes, professores e funcionários as inquietações que motivaram a escrita de seu livro "Maquinação do mundo – Drummond e a mineração", uma obra sobre o modo como o poeta mineiro retratou a degradação da paisagem de Itabira, em meados do século XX.

Alguns dos questionamentos incitados por Wisnik – ecoando infelizmente a tragédia de Brumadinho, ocorrida nos primeiros dias do ano – tiveram continuidade na aula de Ulisses Capozzoli ("Uma biografia da água") e, já no segundo semestre, repercutiram nas atividades do Estúdio Vertical: a parceria entre o Seminário e o EV se pautou pelo estudo dos desafios socioambientais contemporâneos ("Habitando a barriga do monstro") e gerou três encontros que aprofundaram perspectivas trabalhadas anteriormente: Anália Amorim, "A imaginação técnica do território"; Renato Sztutman e Thiago Benucci, "A proposição cosmopolítica do território"; Joana Barossi, "O que buscamos na ficção?".

O seminário enfrentou outros temas urgentes como a crise da imprensa e a voga

das chamadas "fake news" (Eugenio Bucci, "Você acredita nos jornais?"), a extinção do Ministério da Cultura (Alfredo Manevy e Silvana Rubino, "A extinção da cultura"), as desigualdades étnico-raciais (Ivani Oliveira, "(re)Configurações das relações raciais no cotidiano") e as relações de gênero (Manoela Miklos e Luciana Itikawa, "Mapa da violência contra a mulher"; Gabriela de Matos, Gabriela Gaia, Ana David, Adriane de Luca e Julia Park, "Debate sobre o filme "Afeto"). O panorama buscado completou-se com a presença de convidados diversos, entre os quais os arquitetos Guilherme Wisnik, Marcelo Morettin e Fabio Valentim ("Dentro do nevoeiro, um debate"), os fotógrafos Tuca Vieira ("A viagem do extremo oriente") e Tatewaki Nio ("Busca incerta pela arquitetura – três ensaios"), o escritor Milton Hatoum ("A noite da espera"), o sociólogo Mauricio Fiore ("Perspectivas e dilemas da política de drogas no Brasil") e a pesquisadora Bianca Tavolari ("Jane Jacobs: contradições e tensões").

O espaço do seminário também abrigou dois encontros da nossa nova Interlocução Pedagógica e promoveu uma importante discussão sobre as tendências do ensino da Arquitetura e do Urbanismo no século XXI. Nessa noite, estiveram conosco os professores Ciro Pironi (ex-diretor do curso de arquitetura e urbanismo da Escola da Cidade), Valter Caldana (ex-diretor da FAU-Mackenzie), Maria Angela Faggini (ex-diretora da FAU-USP) e Antonio Carlos Barossi (professor da FAU-USP e da Escola da Cidade).

O término de 2019 marcou o encerramento do ciclo de trabalho coordenado pelo professor José Guilherme Pereira Leite, que conduzia a atividade por seis anos.



"a noite da espera"- seminário com milton hatoum

estúdio vertical

Desde o princípio da formação da grade curricular da Escola da Cidade, o Estúdio Vertical (EV) foi pensado como um espaço de reflexão e experiência coletiva de caráter transdisciplinar, envolvendo grupos de alunos de diferentes anos no enfrentamento de questões ligadas ao campo da arquitetura e do urbanismo.

A partir da escolha de temas relevantes ligados à vida e ao desenvolvimento de nossas cidades, a experiência do EV sempre reivindicou o papel de laboratório, lugar de ensaio para o tratamento crítico dos problemas presentes no cotidiano e a construção de novas perspectivas para os espaços de convivência em nossa sociedade. Um lugar de síntese capaz de refletir, em seu processo e na diversidade de suas propostas, o conjunto dos pensamentos dessa Escola, a partir de suas diversas sequências disciplinares – projeto, urbanismo, tecnologia, desenho, história e teoria.

A variedade de temas, somada à diversidade e abrangência das propostas desenvolvidas pelos estudantes, nos obriga ao desafio de reinventar novas questões a cada semestre, seja a partir de temas candentes suscitados por nossa cidade ou por nossa disciplina, seja pela aproximação a outras pesquisas desenvolvidas em nossa Escola.

Mais do que propiciar o enfrentamento de importantes temas de projeto para a cidade, o EV possibilita, apoiado na integração dos alunos, a construção da autonomia dos estudantes, a partir do trabalho coletivo.

1º semestre de 2019: Ainda o Direito à Cidade?

Uma pichação praticada na madrugada do dia 9 de abril de 2018, com os dizeres “OLHAI POR NÓIS” [sic], sobre a fachada do Pátio do Colégio, lugar simbólico que aponta o nascimento da cidade de São Paulo, marcou uma sequência de eventos interessantes. Apenas três dias após a pichação, os responsáveis foram identificados e multados em R\$10 mil, cada. Quatro dias depois, a pichação foi apagada e as paredes restauradas.

Apesar da enorme repercussão que a pichação alcançou, a mensagem gravada em letras garrafais tornou-se invisível. As atenções se voltaram para o ato de vandalismo que a tinta, sobre o patrimônio, representava, de tal modo que as palavras dispostas com ampla visibilidade para o espaço público foram rapidamente esquecidas. Uma semana depois, pessoas em situação de rua voltaram a ocupar seus postos no Pátio do Colégio, agora afastados por um gradil que visa garantir a integridade do patrimônio.

Independentemente daquilo que pretendiam os autores, as palavras ecoaram como um pedido de socorro: um misto de oração, com reivindicação. Reivindicação por um olhar de cuidado, expressa, não sem humor, por aqueles que falam ‘nóis’ ao invés de nós.

Apenas vinte e dois dias depois da pichação no Pátio do Colégio, uma tragédia maior volta a nos chamar a atenção. Desta vez, um incêndio de grandes proporções põe abaixo outro patrimônio arquitetônico



exercício de concepção e construção de mobiliário modular em concreto, realizado pelos alunos no estúdio vertical

da cidade. A desgraça, nesse caso, não se restringe ao dano material e simbólico: vidas foram levadas.

O incêndio no edifício Wilton Paes de Almeida, ocorrido na madrugada do dia 1º de maio, além de representar um triste espetáculo, amplamente difundido nas diversas mídias, também tratou de repercutir sua mensagem de socorro. Mais um "Olhai por nós"?

Famílias desesperadas, despejadas pelo incêndio, evacuam o edifício revelando, diante das câmeras, uma ocupação popular, organizada por um dos muitos movimentos de luta por moradia existentes em nossa cidade. Inevitavelmente vêm à tona as condições precárias em que se vive nas ocupações, o que nos leva, imediatamente, a pensar na absurda carência habitacional existente em nossas cidades e, conseqüentemente, na ineficácia de nossas políticas públicas, e de nossa sociedade como um todo, quando se trata de olhar para os menos favorecidos.

O incêndio nos desperta para aquilo que é a nossa tragédia de cada dia e já ninguém vê, descortinando, de forma violenta, iniquidades e injustiças veladas e deflagrando um processo público de conscientização e reflexão sobre o drama social profundo e duradouro em que os menos favorecidos são protagonistas involuntários.

Afinal, o que têm em comum os dois episódios convocados aqui? Ambos revelam uma população esquecida por uma sociedade que não tem olhos para seus entes menos favorecidos. São reivindicações. Tanto a pichação, quanto as ocupações, com seus infortúnios e transgressões, conferem alguma

visibilidade àqueles que foram esquecidos pelo poder público.

Transgressões porque tornam público, de forma contundente, aquilo que vem sendo mantido oculto sistematicamente. Quando se manifestam em pleno centro da cidade, quebram o paradigma da segregação espacial e conseguem conquistar aquilo que lhes têm sido negado: um espaço na cidade "proibida".

Também as ocupações despontam como um gesto que vai além do alívio imediato para a falta de um lugar para morar. A ideia de ocupação, de uma maneira mais ampla, carrega em si a ideia de reivindicação. Seja a reivindicação de um lugar melhor para se morar, seja a reivindicação por uma cidade melhor, seja, em última instância, a reivindicação do direito à cidade.

2º semestre de 2019: Habitando a Barriga do Monstro

Começamos pelo "fim".

Transformações, invenções, mudanças, ideias, impactos, desastres e genocídios em extensão planetária e profundidade geológica. Chame de Antropoceno, Capitaloceno, "fim do mundo", ou do que bem entender. O fato é que estamos todas e todos vivendo o desastre do nosso tempo.

A transformação dos humanos em força geológica e a constatação disso com o problema da nova época do Antropoceno (que se seguiu ao Holoceno, a partir da Revolução Industrial, conforme proposto por Paul Crutzen e Eugene Stoermer) quebram a redoma que, ao mesmo tempo, nos separava e nos elevava da natureza sem fim lá fora.

Imaginava-se que o edifício da modernidade podia se apoiar apenas sobre seu andar térreo, a economia, mas eis que nos esquecemos da fundação, a

Terra. Essa estratificação sociocosmológica da modernidade ocidental, a cisão entre natureza e cultura, começa a implodir diante de nossos olhos.

Cá estamos neste caminho irreversível em que certas transformações antrópicas do ambiente parecem apenas nos mostrar que a humanidade, ela própria, é uma catástrofe. O fim, no caso, é o fim do nosso mundo. Nesse sentido, é oportuna a célebre frase de Claude Lévi-Strauss em *Tristes trópicos* (1955), "o mundo começou sem o homem e terminará sem ele".

Como formulam Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski, em *'Há mundo por vir?'* (2014), em quem nos baseamos para esta síntese, a humanidade é um evento súbito e devastador na história do planeta, e desaparecerá muito mais rapidamente que as mudanças suscitadas por ela mesma no regime termodinâmico e no equilíbrio biológico da Terra.

Como lidar, então, com a notícia dada pelos médicos de que estamos com uma doença gravíssima, com provas radiológicas e outras à mão? Em outras palavras, evocando o propalado conceito de Frederic Jameson, como enfrentar a enorme distância entre nossas capacidades científicas de imaginar o fim do mundo e nossa incapacidade política de nem sequer imaginar o fim do capitalismo? É a partir dessas questões que, no segundo semestre de 2019, entramos nesse monstro.

Como nos sugere a pensadora feminista Donna Haraway, que nos inspirou o título e a proposta deste semestre como um todo, nós já habitamos a "barriga do monstro", mas tal constatação não deve ser um impeditivo para imaginarmos um outro desenrolar para esse drama. Isso deveria

soar como um alarme em nossas cabeças. Um alarme de emergência, ou intervalo, não de fim de jogo.

Mas não podemos nos conformar a essa visão catastrófica. Nosso trabalho é procurar superar esse período de incertezas e catástrofes. Cultivemos entre nós, de modo imaginativo e criativo, outros mundos por vir, outras formas de existência e de relações e, por que não, outras arquiteturas e outros urbanismos possíveis. Cabe a nós, isto é, a toda a malha de seres terrenos, humanos e não humanos, repensarmos e reinventarmos este mundo para que outros possam florescer.

Assim, o mote deste semestre do Estúdio Vertical foi uma provocação, de escala planetária, se assim quiserem. E, ao mesmo tempo, um chamado local aos corpos discentes e docentes a projetar narrativas outras, desde a perspectiva da arquitetura, que reúna, ao fim do semestre, ideias sobre como enfrentar o inevitável, "ideias para adiar o fim do mundo", como sugere poeticamente o título do livro (2019), do pensador indígena Ailton Krenak.

Ousemos pensar a partir (e para além) da barriga do monstro, reconhecendo nosso lugar, mas não nos deixando ser puramente engolidos e silenciados.

Pensem em outras técnicas, outras estratégias, outras metáforas e outras narrativas; nos múltiplos reordenamentos possíveis das relações e dos espaços, nos novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, sem esquecer que a metáfora é nossa e que nós mesmos somos parte dela e parte de tudo.

Sigamos para além das manias da sustentabilidade neoliberal, reconhecendo



exposição dos trabalhos do estúdio vertical



debate do seminário internacional

que dentro dessa barriga monstruosa somente as ideias radicais, sejam de escala pequeníssima ou gigantesca, de ordem local ou global, sobreviverão.

Os habitáculos na barriga do monstro só podem ser projetados neste lugar no qual o pensamento livre se alie às nossas subjetividades, se expresse na sua mais ampla vastidão, fluindo por entre os muitos rios da diversidade, insistindo na indignação e respondendo com imaginação e criatividade.

Para guiarmos nossa jornada, estabelecemos de partida três caminhos, todos permeados de questionamentos. Como uma primeira orientação aos viajantes que se encontram nesta espécie de clareira da qual partem com inúmeras trilhas, os grupos deveriam seguir essas rotas preestabelecidas para então procurarem seus próprios rumos. Cada um dos caminhos propôs dois conceitos-base, os quais assentaram a proposta que elaboramos, mas que poderiam, com liberdade, ser recombinados ou reinventados.

O primeiro deles propôs lidarmos com as ideias de CONTINUIDADE e ADAPTAÇÃO.

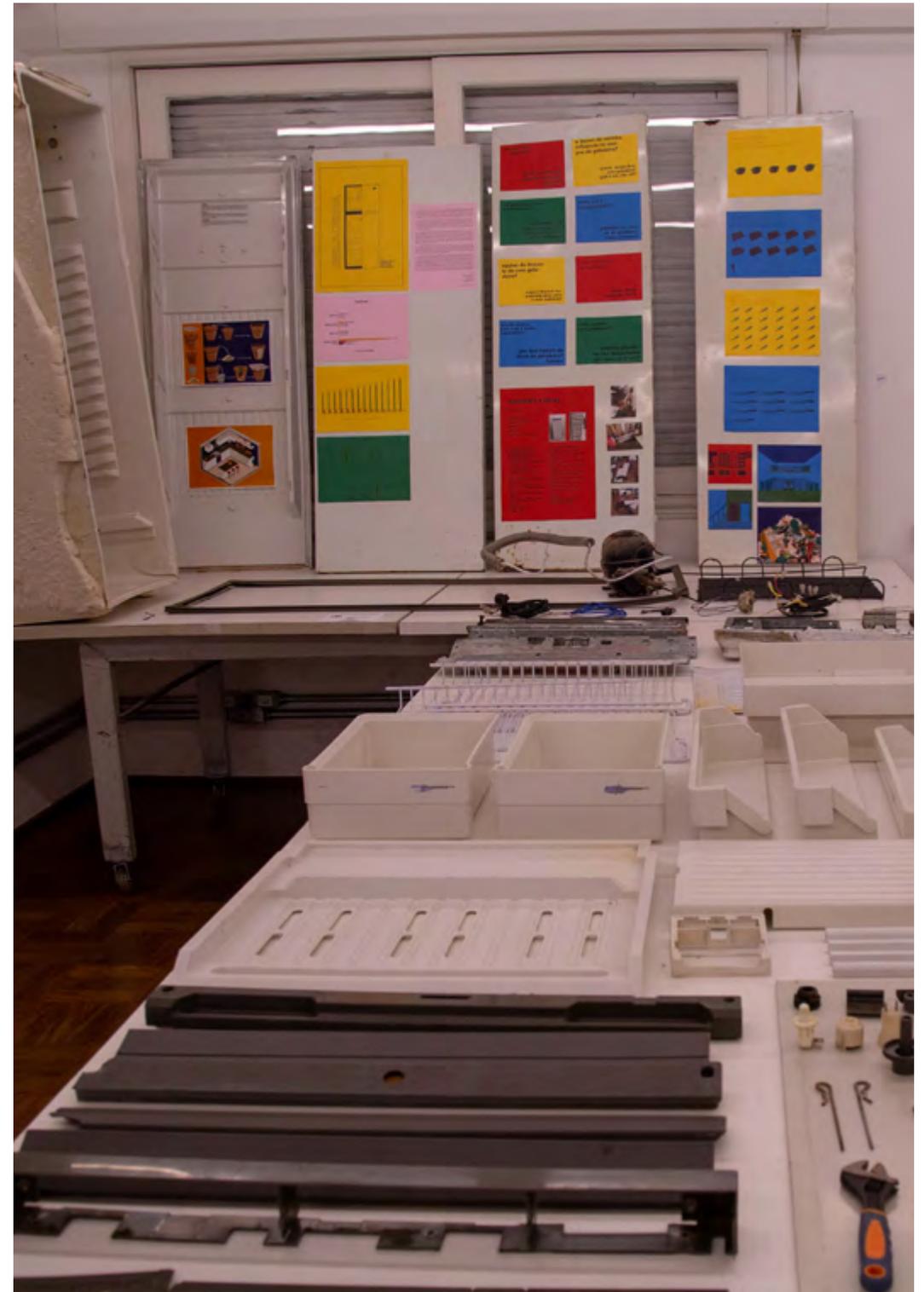
Como enfrentar as sucessivas, crescentes e drásticas catástrofes de nosso tempo? Como superar as ilusões da salvação pela técnica, sendo esta sinônimo de progresso, progresso capitalista, repensando ao fim a natureza ética de cada técnica? Como a arquitetura, silencioso cúmplice de todo esse processo, pode responder ao problema do "fim do mundo"? Como adaptar-se às relações sociais, espaciais, territoriais, técnicas e tecnológicas de nossa disciplina ao inabalável "fim"? E como transformá-las, resistir a elas, reinventá-las?

No segundo caminho, encontraram-se à mão os conceitos de RESSIGNIFICAÇÃO e RETOMADA.

Como imaginar um novo devir a partir das ruínas do capitalismo que já começam a trincar? Como imaginar um novo mundo, e a arquitetura que deverá acompanhá-lo, dada a ideia de que o nosso mundo, tal como o conhecemos, já acabou? Como lidar com o problema da utopia e da distopia, do fantástico e da ficção, quando o futuro próximo, na escala de algumas décadas, se torna imprevisível, se não inimaginável, fora dos quadros da ficção científica? Como ressignificar as estruturas, técnicas ou espaços existentes, prospectando em suas frestas um outro mundo por vir e, assim, um outro modo de se relacionar com a Terra? Como retomar o planeta, assim como as terras dos movimentos indígenas, e devolvê-lo habitável para a experiência humana?

Por fim, no terceiro caminho, ALTERIDADE e MEDIAÇÃO.

Como a arquitetura pode atravessar as barreiras do excepcionalismo humano que nos cega, e também nos destrói, para repensar a natureza humana como uma relação entre espécies? Como refundar a ideia de cidade ou de território a partir da ideia dos direitos não humanos? Como questiona o Cacique Babau Tupinambá, como podemos achar que somos os únicos com direito à terra? Como superar a perda da biodiversidade que assola o planeta para além da monocultura civilizacional? Como o projeto pode mediar e criar novos pactos entre humanos e não humanos, para além da cisão entre natureza e cultura, e para além do destrutivo mito da superioridade humana?



urbanismo

O urbanismo, como campo do saber, com história, método e linguagens próprias, pode ser entendido pela pressuposição recíproca, muitas vezes contraditória, de dois planos. Um, 'técnico', constituído pela disposição dos objetos no território e suas relações; outro, 'expressivo', conformado pelos discursos, projetos e teorias, normativas e narrativas que selecionam, justificam ou legitimam, antes e depois, a existência, a permanência, a transformação ou destruição daqueles objetos. A dimensão que opera estes dois planos, derivando deles ou produzindo-os, é a dos movimentos da sociedade.

A disciplina de urbanismo, do modo como é trabalhada na Escola da Cidade, compreende que a cidade, além de consagrar-se como o território da construção e do engenho humano, é campo político por excelência. O meio urbano é o espaço da integração, da socialização ao mesmo tempo em que é, também, o palco da desigualdade, da segregação e da exacerbação das fragilidades humanas e, como tal, é o campo propício para o exercício da negociação e do diálogo entre agentes e atores diversos. A prática da disciplina, portanto, deve, a um só tempo, encorajar as reflexões multidisciplinares e a o exercício do diálogo como ferramentas obrigatórias para todos aqueles que desejam pensar e atuar sobre a cidade e o território.

É a partir destes desafios e contradições que o Urbanismo da Escola da Cidade

atualiza e estrutura seus oito semestres de estudo, perpassando temas, escalas e técnicas que vão:

- do conhecimento dos clássicos modelos territoriais às novas formas de crescimento urbano;
 - da discussão das desigualdades e conflitos que caracterizam os processos de construção e apropriação da cidade, às tendências de compactação e difusão da urbanização, como também de novas formas de gestão urbana;
 - do entendimento das redes de infraestrutura e suas implicações sociais e ambientais às hipóteses e questões emergentes da cidade contemporânea e ao papel das políticas públicas no processo de traçar novos itinerários coletivos;
 - da apropriação da matriz ambiental e da geomorfologia aplicada aos estudos da construção da paisagem urbana.
- São estas as disciplinas obrigatórias oferecidas:

1º ano

Modelos Urbanos Territoriais, Geomorfologia aplicada, Formas de crescimento Urbano

2º ano

Sociodemografia geoprocessada, Cidade desigual, Paisagem Urbana, Cidade Compacta/Cidade difusa

3º ano:

Transporte e Mobilidade, Infraestrutura e meio ambiente

4º ano:

Cidade Contemporânea

5º ano:

Governança e território



alunos de urbanismo em oficina em iguape

história

A Sequência de História possui como perspectiva norteadora geral o desenvolvimento de profissionais com pensamento crítico, capazes não apenas de compreender, mas também de incidir na sociedade em que vivem. De maneira mais específica, buscamos *historicizar* e debater o campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo em diferentes concepções, com especial atenção aos seus debates teóricos e a sua contextualização sociocultural. Nas disciplinas obrigatórias e eletivas de História, Estética e Fundamentos Sociais, oferecidas ao longo dos seis anos de graduação, procuramos exercitar habilidades pertinentes às diversas possibilidades de investigação dentro da área, formando pesquisadoras e pesquisadores com aptidão para ampla atuação, nas esferas acadêmica e profissional, pública ou privada.

No ano de 2019, a sequência trabalhou constantemente para fortalecer seus vínculos interdisciplinares dentro da Escola, em duas frentes principais: a Escola Itinerante e o diálogo com outras sequências e disciplinas. Além da própria presença de professoras e professores, as viagens foram integradas ao programa das disciplinas dos respectivos semestres, em variadas atividades e abordagens, entre o preparo e o retorno. Por meio de aulas expositivas, exercícios, conversas e debates, as cidades e países visitados foram entremeados aos conteúdos regulares da Sequência de História, amplificando o significado e o aprofundamento dessa realização. O contato

com as demais sequências, favorecido pela regularidade das reuniões de ano, possibilitou a integração de conteúdos e a pluralidade de abordagens acerca dos mesmos objetos.

Em paralelo às disciplinas regulares, atuamos na orientação dos trabalhos de curso (TC) de estudantes em fase de finalização da graduação. Essa atividade permitiu uma compreensão mais global da formação realizada na Escola da Cidade, bem como da própria sequência, atentando para os aspectos que se tornam mais ou menos fixados no desenvolvimento de alunas e alunos, ao longo dos anos.

Professoras e professores da Sequência de História dedicaram-se ainda às modalidades de pesquisa da Escola da Cidade, a saber, iniciação científica (IC) e pesquisa experimental (PE), conduzidos com recursos internos ou bolsas concedidas pela FAPESP. Estudantes engajados nas pesquisas apresentaram-se na Jornada de Iniciação Científica de 2019 e em eventos externos, como a Jornada do Patrimônio, promovida pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) e no Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade de São Paulo (Siicusp).

Por fim, vale ressaltar que as atividades realizadas em 2019 suscitaram ainda possibilidades e encaminhamentos de mudanças a serem implementadas em 2020, no esforço contínuo de aperfeiçoamento e atualização realizado pela sequência.



alunos na jornada de patrimônio



alunos desenhando no centro cultural banco do brasil, sp

desenho

A Sequência de Desenho trabalha a partir de uma concepção ampliada do termo: o desenho como forma de pensamento, como instrumento de reflexão e interpretação, como modo de organização espacial, como proposição crítica quanto a situações e contextos que desafiam o profissional em arquitetura a elaborar intervenções. O trabalho se dá por meio do desenvolvimento de uma série de competências sobre um plano de dinâmicas e estratégias diversas que pretendem amparar e provocar os estudantes em seus interesses.

No primeiro ano, os estudantes desenvolvem a prática do desenho de observação e interpretação em contato direto com a arquitetura, por meio de trajetos pela cidade. A dinâmica propõe interação direta entre o ver, observar e experienciar a cidade. No segundo ano, a observação se especifica em procedimentos e dinâmicas que possibilitam a compreensão de lógicas construtivas, aliada ao estudo do desenho geométrico e à sistematização do desenho de perspectiva. No terceiro ano, as relações entre espaço bidimensional e tridimensional são explicitadas por meio de exercícios que articulam conteúdos e estratégias da prática expográfica e do concretismo brasileiro, tendo a

problemática ligada à composição como guia. No quarto ano, as relações entre arte e arquitetura formam um campo de atuação que fundamenta o trabalho de meios de intervenção urbana e o trânsito entre linguagens e práticas.

Como nos anos anteriores, a Sequência de Desenho manteve interlocução em atividades que extrapolam seu planejamento específico, ampliando o diálogo com situações que formam o projeto pedagógico da escola, como Escola Itinerante e o Estúdio Deriva, em que professores de Desenho levaram sua prática de observação e interação para os percursos realizados em outras cidades; o Exercício Único, importante momento de integração entre disciplinas; as Eletivas e Cursos Livres, propostos por profissionais que têm o desenho como base de estudo e atuação, assim como nos processos de orientação de Pesquisa Experimental e Trabalhos de Curso, em que possibilidades cada vez mais frequentes de recorte temático e conceitual ligadas ao conteúdo e vivências trabalhados pela sequência foram exploradas pelos orientandos, em suas formalizações e aprofundamentos.

Ao longo do ano de 2019 a sequência passou por um trabalho de discussão e reorganização interna que em 2020 será colocada em prática.

tecnologia

Partindo de aulas expositivas, estudos de casos e visitas a obras, os alunos do primeiro ano identificam as propriedades dos materiais e sua relação entre propriedades e técnicas construtivas, estabelecendo interfaces entre as formas estruturais arquitetônicas e o sistema construtivo. Estabelece ainda relação da anatomia muscular e óssea do corpo humano com a sua estrutura, relacionando o corpo com edifícios, identificando sistemas estruturais e sua hierarquia. Estabelece uma relação dos materiais construtivos com os esforços internos e externos, sua forma geométrica, verificando possíveis formas de edifícios. Incluem os cursos de Sistemas prediais (hidráulica e elétrica) e a disciplina de conforto ambiental.

As aulas expositivas e dialogadas do segundo ano, apoiadas por meios audiovisuais e atividades de aplicação prática com desenho dos conceitos estudados, bem como a elaboração de modelo da estrutura desenvolvida, tornaram possível discutir a concepção de sistemas estruturais em concreto armado, protendido, argamassa armada, aço e madeira; na etapa do pré-dimensionamento analisando rebatimentos da concepção estrutural no projeto arquitetônico, verificando ainda o papel do cálculo na concepção estrutural.

No segundo semestre houve a integração com a disciplina de Projeto, onde foi possível aplicar o pré-dimensionamento das estruturas das diversas técnicas em estudos de edifícios de habitação com vários pavimentos, nas diversas tipologias

desenvolvidas pelos grupos de alunos. A disciplina de Iluminação Natural e Artificial está incluída nesse ano.

No terceiro ano são abordados o desenvolvimento de estruturas espaciais, treliças, cascas com grandes vãos, aprofundamento da análise dos subsistemas da construção tais como alvenaria, fundações, coberturas, entre outros, a partir de modelagens e programas de cálculo. Discussões sobre os canteiros de obras e sua organização, bem como logística e sua relação com o entorno, em todas as etapas, dando ênfase para os tipos de fundação e sua adequação em função dos terrenos.

No quarto ano, há a proposta de consolidar, por meio de uma visão articulada pelo projeto de arquitetura, conceitos e práticas técnico-construtivas já trabalhados isoladamente em outras disciplinas, referentes a instalações hidráulicas e elétricas; luminotécnica (natural e artificial); conforto térmico e acústico, isolamento de ruídos, instalações de ar condicionado; processos construtivos (estruturas, vedações, acabamentos, entre outros).

O objetivo era instrumentalizar o estudante de arquitetura com noções básicas de métodos e técnicas operativas vinculadas a esta dimensão construtiva e técnica do projeto, a partir de exercícios de análise prévia e intervenção em pré-existências arquitetônicas (reforma, modernização, restauro, entre outros), assim como desenvolver noções de acústica aplicada à arquitetura (pequenos auditórios, teatros, entre outros).



aula de estrutura dos alunos do primeiro ano da graduação



atividade feita entre a disciplina de projeto e tecnologia para apresentar aos alunos do segundo ano informações sobre o processo construtivo do concreto

projeto

A disciplina de metodologia de projeto, no primeiro ano, busca introduzir o aluno ao universo da arquitetura e ampliar o seu repertório a partir do fazer arquitetônico, ou seja, a partir de atividades práticas e experimentais os alunos descobrem, relacionam e discutem espaços, soluções, materialidade, entre outros. Desde o reconhecimento do próprio corpo, relacionando-o ao espaço arquitetônico, o desenvolvimento de modelos tridimensionais em diversas escalas, busca-se desenvolver nos alunos estratégias projetuais que explorem o espaço arquitetônico e sua relação com a paisagem.

No segundo ano, a disciplina busca trabalhar as diversas escalas do projeto procurando criar um comprometimento entre o produto gráfico e seu significado para que os alunos desenvolvam instrumentos que permitam a clara

comunicação de suas ideias por meio do desenho. Busca-se também desenvolver temas relacionados às atividades cotidianas da cidade, em especial a questão do habitar a cidade contemporânea.

No terceiro ano, procura-se enfatizar as discussões e experimentações sobre a própria construção, em articulação à disciplina de tecnologia, e desenvolvendo programas de uso cada vez mais complexos.

No quarto ano, o curso baseia-se na leitura do espaço urbano buscando ampliar o entendimento de lugar a partir de visitas, levantamentos cartográficos, fotográficos, iconográficos, entrevistas, que permitam a proposição de uma intervenção estratégica a partir da escala do projeto arquitetônico onde a definição do sítio, do programa e a própria escala da intervenção passam a ser uma decisão do aluno.



entrega de maquetes de instalações flutuantes na baía de asunción dos alunos do terceiro ano

exercício único

O curso está baseado na prática de desenvolvimento de projetos para o nível de execução, colocando o estudante em contato direto com questões relativas à construtibilidade, materialidade e industrialização do processo de execução da arquitetura, dos objetos e dos elementos que compõem a cidade.

Para isso foi desenvolvido um exercício que integra três disciplinas - Tecnologia, Desenho e Projeto, de maneira complementar, permitindo o aprofundamento das questões envolvidas no projeto.

No ano de 2019, o tema foi o Sítio Cultural Alsácia, que abriga a Escola Atemporal de Artes, bem como a sede do grupo de teatro "Pequeno Teatro de Torneado". O sítio está localizado em um imóvel em Ribeirão Pires, na região da Grande São Paulo, próximo da represa Billings.

Os alunos se dividiram em equipes e abordaram desde os levantamentos dos imóveis e do terreno existentes, como também estabeleceram conversas e análises das características e necessidades do grupo que ocupa o Sítio Cultural Alsácia. A partir desta análise realizaram o desenvolvimento dos projetos dos vários componentes e detalhes das intervenções pretendidas. O resultado foi uma série de propostas de intervenções variadas,

tanto no terreno como na reforma das construções existentes e também em propostas de novas construções, em locais específicos do Sítio. Algumas intervenções mais simples, como os brinquedos infantis, e pequenas intervenções no terreno puderam ser, inclusive, executadas pelos alunos.

Os objetivos principais foram:

- Simular situações de projeto que aproximem os alunos de etapas executivas de desenvolvimento para diferentes sistemas construtivos.
- Complementar o processo de trabalho por meio da produção de protótipos e modelos mais detalhados das situações desenhadas.
- Aprofundar o conhecimento de questões ligadas à industrialização e pré-fabricação da construção.
- Além de três disciplinas envolvidas diretamente no exercício, as outras disciplinas do semestre para o 5º ano, tanto a de urbanismo que trata da Legislação e Plano Diretor da cidade, bem como a de Técnicas Retrospectivas, foram envolvidas na temática do Exercício Único e participaram cada qual dentro de seu escopo. Isto resultou em uma concentração de várias abordagens dentro de um mesmo exercício, o que permitiu aos alunos uma dedicação plena sobre um mesmo assunto, resultando em um grande aprofundamento no exercício e no projeto.



alunos fazendo o exercício único no sítio alsácia, escola atemporal de artes



publicação do trabalho de conclusão da aluna inaê negrão

trabalho de curso

O Trabalho de Curso da Escola da Cidade constitui um trabalho científico no qual o estudante tem a oportunidade de mostrar sua capacidade de produção e sistematização de conhecimentos, por meio de processos críticos e reflexivos. Pautado pelo princípio de autonomia, no âmbito das questões tratadas pelo campo da arquitetura e urbanismo, no seu sentido amplo, a temática do Trabalho de Curso é de livre escolha do estudante. Indo nessa mesma direção, no que se refere aos aspectos operacionais e metodológicos, apresenta-se como uma estrutura flexível, na qual o aluno também pode escolher seu próprio caminho, individual ou em práticas de trabalhos integrados. Assim, a partir do seu projeto específico, o estudante do Trabalho de Curso pode vincular a sua pesquisa ao Estúdio Vertical, ou seja, o aluno do sexto ano da Escola se torna o coordenador das atividades produzidas por uma determinada equipe; essa modalidade é chamada de TC-EV.

Ao longo do ano de 2019, o TC da Escola da Cidade foi um dos principais temas debatidos pelo Conselho Pedagógico e, nesse sentido, seu regimento foi atualizado quanto aos objetivos, metodologias e operacionalização para melhor situar o egresso no cenário da produção da arquitetura contemporânea brasileira e internacional.

É oportuno destacar que três trabalhos representam a Escola da Cidade na 29ª edição do Opera Prima, concurso nacional de trabalhos finais de graduação em arquitetura e urbanismo para formandos de cursos brasileiros, devidamente autorizados pelo Ministério da Educação (MEC).

Certame aberto aos egressos que tenham desenvolvido e concluído seu Trabalho de Curso nos anos 2017-2018, o resultado será divulgado em março de 2020. Da mesma maneira, a Escola participará da primeira edição do Young Talent Architecture Award inscrevendo dois dos seus melhores Trabalhos de Curso produzidos no ano de 2019.

disciplinas eletivas

O conjunto das disciplinas eletivas ofertadas pela Escola da Cidade visa proporcionar um espaço onde os estudantes possam interferir produtivamente em seus próprios currículos, selecionando as áreas que melhor traduzem seus interesses acadêmicos e profissionais. As eletivas apresentam-se como conteúdo complementar à grade regular do curso, permitindo o aprofundamento em questões específicas bem como o reconhecimento de novos campos de atuação no âmbito da arquitetura e do urbanismo.

Em observância às diretrizes curriculares do MEC, cada estudante deve cumprir, minimamente, 360 horas em disciplinas eletivas. Em média, são oferecidas duas a quatro eletivas por disciplina, a cada semestre. O aluno deverá cursar ao menos seis dentre os cursos oferecidos, ao longo de todo o curso. Além das disciplinas oferecidas durante o semestre,

poderão ser incluídos no computo desse crédito workshops, cursos concentrados e atividades acadêmicas conveniadas e ligadas à Escola da Cidade, desde que a carga horária seja equivalente ou maior do que as disciplinas eletivas. Esta modalidade depende de uma validação junto à coordenação pedagógica.

Disponível a cada semestre, ao longo dos seis anos de curso, o rol de disciplinas oferecidas está em permanente atualização, variando em função dos temas que mais interessam ao corpo docente e discente da Escola, aferidos por meio de um processo participativo e direto. A cada semestre, cada uma das linhas disciplinares da Escola – desenho, história, tecnologia, projeto e urbanismo – conduz o processo participativo que se inicia com a escuta junto aos estudantes, e prossegue com uma chamada aberta de propostas, tanto para professores da Escola, quanto para fora dela.



desfile feito pelos alunos da eletiva ministrada pela professora rita buoro

estúdio deriva

Japão 2019

O Estúdio Deriva busca realizar estudos que aprofundem, no contexto dos locais visitados a cada edição, os conceitos de Cidade e Território, a partir de um projeto pedagógico que visa explorar as especificidades de cada cultura, com base na convicção de que o aprendizado da arquitetura se faz também pelo contato com realidades arquitetônicas e urbanísticas distintas.

O programa se organiza por meio de estudos preparatórios, de aulas realizadas por professores convidados, pela produção de reflexões práticas e teóricas, além da realização de uma viagem, onde estudantes, arquitetos e professores estrangeiros e locais estabelecem contato e vivenciam um processo de aprendizado mútuo.

Em julho de 2019 foi realizada a segunda edição do 'Estúdio Deriva', que contou com a participação de 21 estudantes da Escola da Cidade e outras Universidades, com destino ao Japão. A viagem de 22 dias – o6 a 28 de julho –, contemplou visitas à Kyoto, Koya-san, Nara, às três ilhas de Naoshima, Teshima e Inujima, além das cidades de Kanazawa, Hiroshima, Sendai e Tokyo.

Por meio da parceria com a Japan House, o grupo visitou inúmeros escritórios locais – Kengo Kuma, Sou Fujimoto, Sandwich, Alphaville e Tezuka Architects – a fim de entrar em contato com uma variada e recente produção arquitetônica, permitindo conhecer espaços de trabalho de diferentes

escalas, bem como processos específicos de produção projetual.

O programa do Estúdio Deriva também está sempre em busca de novas parcerias com instituições e universidades, a fim de ampliar a rede de possíveis colaborações nos campos da pesquisa e de intercâmbio entre estudantes e professores.

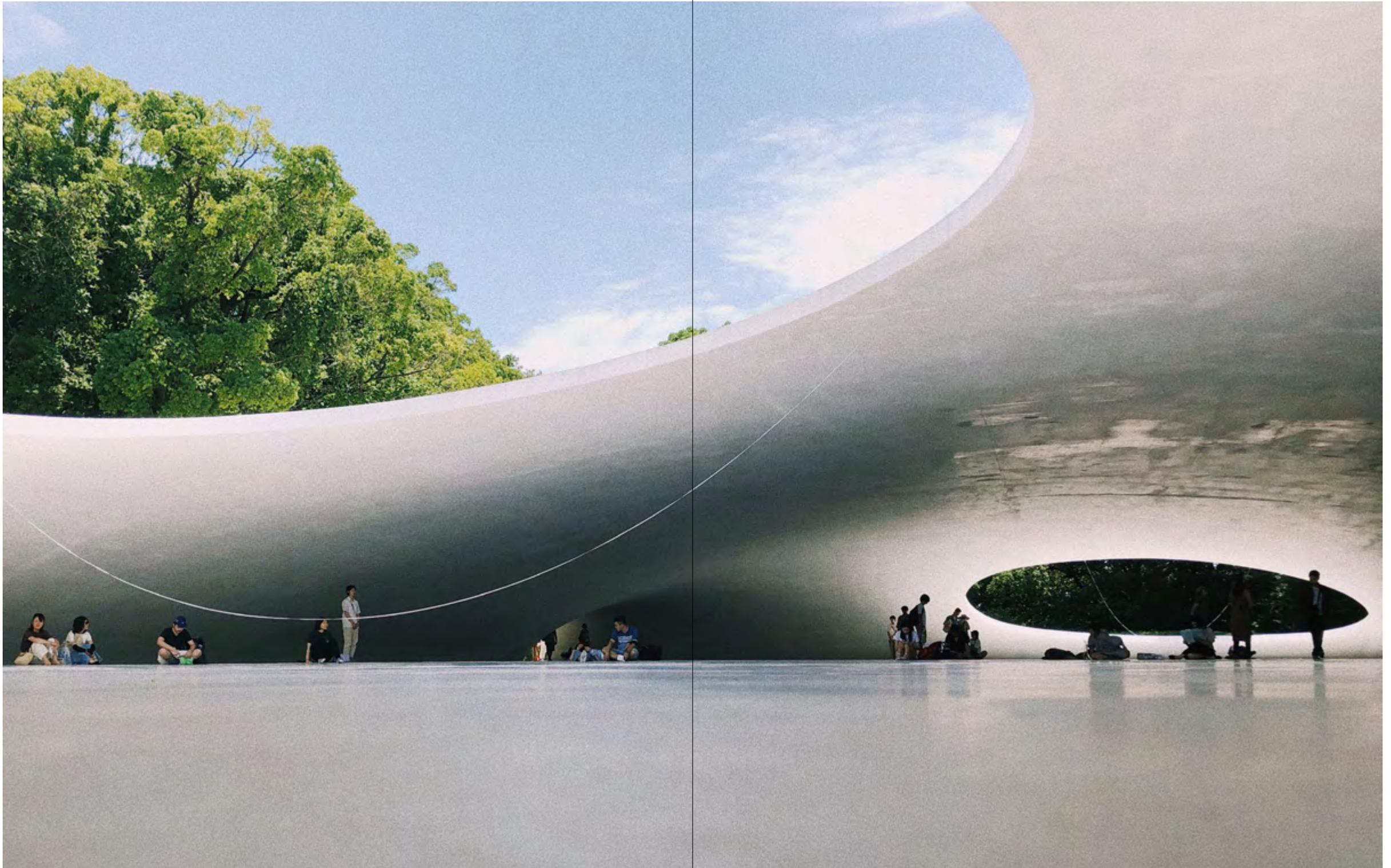
Os estudantes de diversos períodos da faculdade foram acompanhados pelos professores e arquitetos Anália Amorim, Ana Longato, Camila Toledo, Ciro Pirondi e Paulo von Poser, além do grupo responsável pela organização do curso e da viagem composto por Anna Juni, Cesar Shundi Iwamizu, José Paulo Gouvêa e Sebastian Beck, coordenador do programa Estúdio Deriva.

De volta ao Brasil, e a partir das experiências obtidas durante a viagem, a equipe continuou reunida em uma disciplina optativa a fim de concluir suas pesquisas individuais e os trabalhos coletivos relacionados a três eixos principais: território, cidade e cultura.

Esta produção foi apresentada na Galeria da Cidade, durante os meses de novembro e dezembro de 2019, em conjunto com o catálogo produzido por nossos estudantes como diário de viagem e síntese desta rica experiência. Tanto a exposição quanto o catálogo, parte integrante da conceituação do Estúdio Deriva, são elementos fundamentais de comunicação e de compartilhamento de experiências, elementos de síntese que poderão estimular novas derivas pelo mundo.



desenho coletivo no memorial da paz em hiroshima



teshima art museum na ilha de teshima



exposição na japan house produzida por alunos e professores

processo seletivo + portas abertas

As inscrições aconteceram de 20 de agosto a 9 de dezembro e as provas nos dias 10, 11 e 12 de dezembro, com atividade externa na Praça das Artes.

O Processo Seletivo da Escola da Cidade se distingue dos demais por oferecer aos candidatos um curso introdutório de Arquitetura e Urbanismo, combinando quatro aulas, três exercícios guiados e uma entrevista. Trata-se também de uma oportunidade única de vivenciar as instalações da Instituição e a própria cidade, já que o curso acontece na sede da Escola, mas envolve visitas a outros lugares de São Paulo. Esta combinação tem por objetivo mostrar aos pleiteantes

alguns meandros da profissão, dimensões da vida urbana e, por meio da escrita e do desenho, avaliar o potencial dos futuros estudantes, seus conhecimentos gerais, habilidades específicas, capacidades de análise, síntese e construção de raciocínio.

Ao longo do segundo semestre aconteceram quatro encontros destinados aos vestibulandos interessados em ingressar em um curso de Arquitetura e Urbanismo. O programa, realizado desde 2017, tem o objetivo de propiciar aos estudantes a oportunidade de vivenciar a Faculdade, experimentando a sua estrutura e interagindo com professores e estudantes.



atividade realizada durante o portas abertas







expositores na bienal do chile

outras ações: bienal chicago / sp / chile

Bienal Chicago

A Chicago Architecture Biennial, em sua terceira edição com o tema "... and Other Such Stories" aconteceu de 19 de setembro de 2019 a 05 de janeiro de 2020. Como parte da programação, apresentou a exposição "MSTC - Moradia como Prática de Cidadania", desenvolvida em uma colaboração entre o Movimento Sem Teto do Centro, Escola da Cidade, O grupo inteiro e uma extensa rede de colaboradores. A mostra narra a história e apresenta as ações do movimento pautadas na ampliação do conceito de morar, como direito à cidade, incluindo: saúde, educação, mobilidade, cultura, segurança e toda a infraestrutura para

uma vida digna numa grande metrópole excludente como São Paulo.

A exposição nasceu simultaneamente com o chamado Estúdio 9 de Julho, um novo projeto político-pedagógico e de extensão do Conselho Social da Escola da Cidade, que permite aos estudantes atuarem diretamente em campo, dentro de zonas de vulnerabilidade social, simultaneamente aos cursos que frequentam na escola, dando sequência às ações da Escola junto ao MSTC dentro da Ocupação 9 de Julho, em uma interessante parceria entre arquitetura, cinema e ensino, que teve início na produção do filme "Era o Hotel Cambridge" (2016).

Bienal São Paulo

A décima segunda edição da Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (12ª BIA), com a temática 'Todo dia', propôs aos profissionais e ao público refletir sobre o cotidiano – a dimensão mais trivial da realidade – na arquitetura e no ambiente construído do século 21.

A proposta da Bienal foi dividida em duas exposições que ocupam dois edifícios-manifesto do cotidiano de São Paulo:

"Todo dia", no Sesc 24 de Maio, de 10 a 29 de setembro, e "Arquiteturas do cotidiano", no Centro Cultural São Paulo (CCSP), de 13 de setembro a 8 de dezembro.

A programação contou com palestras, conversas e discussões, com um trabalho de campo com visitas ao Itaim Paulista e Centro de São Paulo. Os locais visitados foram CEU Parque Veredas, Parque Chácara das Flores, Conjunto Jardim Nazaré, Parque Linear Córrego Água Vermelha, além das regiões da Luz, Arouche e Nove de Julho

Bienal Chile

A XXI Bienal de Arquitectura y Urbanismo de Chile, que aconteceu em outubro, teve São Paulo como cidade convidada do evento que busca focar os aspectos comuns e cotidianos da sociedade.

A cidade foi representada com uma instalação desenvolvida por estudantes e professores da Escola, que teve como proposta uma série de projetos urbanos, artísticos e arquitetônicos que abordaram a classe média paulistana com a temática "Diálogos e Limites".

As obras escolhidas nas chamadas da Feira de Arquitetura Livre incluíram também dez trabalhos selecionados, vinculados a professores e estudantes da Escola, quatro publicações, quatro pesquisas e três projetos acadêmicos. Os trabalhos apresentados pela cidade incluem a recuperação de espaços históricos e públicos que buscam fomentar novos usos e atividades.



bienal de são paulo - visita de campo na ocupação 9 de julho



bienal de chicago

2.

pós-graduação

apresentação

Existente há mais de 10 anos, o Programa se estrutura hoje a partir de dois grandes eixos: "Civilização América: um olhar através da arquitetura" – como a temática geral e abrangente, que propõe a compreensão e enfrentamento das condições históricas, geográficas, territoriais e sociais que nos constituem, como contribuição ao campo da arquitetura e urbanismo enquanto prática profissional e conhecimento; e a centralidade do fazer projetual como pesquisa e estratégia de aproximação ao espaço em suas múltiplas escalas.

É a partir dessa visão que nossos cursos de pós-graduação visam aproximar profissionais atuantes no mercado – sobretudo de arquitetura e urbanismo, mas também de áreas afins – da pesquisa e da reflexão crítica aplicadas ao desenho e ao ensino. Daí decorre a proposta pedagógica de nossos cinco cursos regulares:

Arquitetura, educação e sociedade

Conceber e construir

Geografia, cidade e arquitetura

Habitação e cidade

Mobilidade e cidade contemporânea

Os cursos se estruturam de forma que sejam um exercício permanente de reflexão e experimentação da atividade projetual, recusando fórmulas prontas ou percursos pré-definidos, priorizando a pluralidade de métodos, abordagens e diálogos com outros saberes e agentes da sociedade. Nesse contexto, o ateliê – como espaço de debate e reflexão crítica permanente por meio do

desenho – assume centralidade, articulando as demais reflexões teóricas. Assim, embora não estejam voltados exclusivamente para arquitetos e urbanistas, nossos cursos colocam em pauta a todo momento a ideia de projeto como pesquisa e sua experimentação. Em cada um dos módulos se recoloca a relação entre teoria e prática de formas diversas e atinentes aos recortes e abordagens: o projeto como diálogo entre agentes e fatores que definem o habitat humano ou como estratégia de aproximação a outros territórios e saberes; a concepção e desenho de nossas cidades a partir da transição entre escalas e compreensão das lógicas dinâmicas que a definem ou da arquitetura a partir de saberes estruturais e construtivos empíricos; o projeto em seus múltiplos sentidos e aspectos como processo permanente de ensino e de aprendizado.

Estrutura em módulos e carga horária

Os cursos de pós-graduação lato sensu da Escola da Cidade têm 360 horas organizadas por módulos que engendram a cada etapa discussão teórica e prática; e que possibilitam o ingresso a cada módulo. Há ainda o desenvolvimento de monografia (no formato de reflexão teórica ou articulação e apresentação dos trabalhos desenvolvidos), equivalendo à dedicação de 30 horas nos três meses subsequentes à finalização do curso. O desenvolvimento da monografia é amparado por disciplina comum entre os cursos de "introdução à metodologia científica".



atividade desenvolvida pelo professor convidado rodrigo mendes sobre a matriz curricular da bauhaus



professor alvaro puntoni ministrando aula na pós-graduação

arquitetura, educação e sociedade

O curso propõe uma ampla reflexão sobre a educação em arquitetura e urbanismo. Através de seminários e palestras com profissionais reconhecidos promove discussões sobre o significado da arquitetura na sociedade e sobre a formação dos jovens profissionais na contemporaneidade, a partir de uma reflexão sobre o papel das instituições de ensino. Fomenta ainda a reflexão sobre a atividade docente, estudando teorias e planos de ensino, experiências de ensino em diferentes universidades, discutidas como possibilidade tanto para novas matrizes de ensino de arquitetura e urbanismo, como para pesquisas específicas ligadas à pedagogia a fim de relacionar esferas culturais, socioeconômicas e ambientais.

Esta proposta é inovadora no Brasil por promover atualização técnica no campo do ensino, particularmente do ensino de arquitetura e urbanismo, com a consolidação da postura crítica como possibilidade de experimentação de novas propostas educacionais.

O curso está estruturado em três semestres ou módulos, que podem

ser cursados independentemente e em qualquer ordem. Estão assim organizados:

Módulo A | ARQUITETURA: O ensino de Arquitetura e Urbanismo

Módulo B | EDUCAÇÃO: Formas de ensinar e formas de aprender

Módulo C | SOCIEDADE: Educação não formal e territórios de aprendizagem

Para obter o certificado de conclusão, o estudante deverá cursar e concluir os três diferentes semestres, além de realizar as atividades propostas.

O curso ainda permite que o estudante realize um semestre de vivência didática supervisionada dentro da Escola da Cidade.

Coordenado pelas arquitetas Maira Rios e Carolina Tonetti, esta especialização conta com o corpo docente da Escola da Cidade e com convidados brasileiros e estrangeiros de diferentes áreas de conhecimento.

A especialização lato sensu Arquitetura, Educação e Sociedade iniciou em fevereiro de 2019 a sua quarta edição. Como trabalho de conclusão estes estudantes realizaram monografias que compilam interessantes experiências de ensino.

conceber e construir

O curso tem como principal objetivo estimular a intuição estrutural e construtiva presente nas concepções formais da arquitetura.

É dedicado a um público ligado à arquitetura, à construção civil, à gestão ambiental e à construção de cidades.

O tema Conceber e Construir está baseado na intuição de que "o fazer pensando e pensar fazendo" busca conduzir à formação de indivíduos que terão consciência, ao projetar e construir, de suas decisões tecnológicas e espaciais.

Advertidos de que os conhecimentos prático e teórico surgem de ações e não

ações do operador, o curso Conceber e Construir adotou a estrutura de um Coletivo de estudantes, professores e consultores. As regras que foram se delineando ao longo do ano foi a de não haver segredos. Não haver autorias. Qualquer coisa poder ser perguntada. A qualquer momento. O erro faz parte da construção do conhecimento. O conhecimento chega sem previsões e, normalmente, não é transmissível pelo professor. Ele é fruto do processo de cada indivíduo e das circunstâncias. E que, antes de tudo, as pessoas têm a capacidade de se conhecer a si próprias, através daquilo que é por elas produzido.



aluno do curso conceber e construir testando estrutura estudada



cartaz de divulgação da aula

geografia, cidade e arquitetura

Esta especialização entrou sua décima edição no ano de 2019, se propõe a apresentar um panorama crítico da produção cultural no território americano, por meio da Arquitetura.

O curso é dividido em quatro módulos que organizam, para os estudantes, reflexões projetuais em distintas escalas: território, cidade, espaços públicos e equipamentos.

Os módulos, bimestrais, definem as quatro regiões discutidas como tema de trabalho. No ano de 2019, os países estudados foram Paraguai, Canadá, Peru e Equador. A ideia é refletir sobre as necessidades próprias destes países, as relacionando às esferas culturais, socioeconômicas e ambientais. O objetivo é promover o estudo de outros países continuamente e de forma rotativa. Desde 2016 a especialização passou a contar também com países formadores da América como tema de pesquisa, casos de Portugal, Espanha e Moçambique. Foi a terceira vez que um país fora da América foi tema de pesquisa cuja intenção é de ampliar a participação de países africanos lusófonos.

Cada módulo está organizado em três partes: História e Cultura, Arquitetura e Arte e Ateliê de Projeto, quando os alunos desenvolvem um projeto no país em estudo. Em cada uma destas fases há a participação de professores convidados

dos países a serem investigados. Marianna Al Assal, professora de história da arquitetura, Marcelo Ribeiro, sociólogo e professor de geografia, e Tiago Mesquita, crítico de arte, são corresponsáveis pela organização das aulas de Teoria América, Geografia e Arte Americana, respectivamente.

O curso recebeu como convidados os seguintes professores, em 2019: Nilce Aravecchia, Eliel Waldvogel, Handel Guayasamin, Filipe Ribeiro, Lara Rivetti, José Maria Saes, Monica Moreira, Mariana Viégas, Marta Moreira, David Barragán, Sean Purdy, Fernando Lara, Lola Sheppard, Mason White, Gustavo Utrabo, Marcos Brias, Mark Kingwell, Emerson Vidigal, Eduardo Aquino, Sandra Barclay, Jean Pierre Crousse, Gabriela Pellegrino, José Raimundo Souza Ribeiro Jr., Paulo Dam, Bruno Dunley, Juan Carlos Doblado, Leila Maria França, Jimmy Liendo, Carolina Rodrigues, José Carlos Viladarga, Javier Corvalan, Márcio Cataia, José Cubilla, Luis Elgue, Marcos Boldarini, Solano Benitez e Gloria Cabral.

Em 2020, ao completar 11 anos, o curso mantém a proposta de estudar países cuja excelência da produção arquitetônica permitem reflexão sobre diferentes abordagens nas diversas realidades: Brasil, Peru, Canadá e Equador.

habitação e cidade

O curso teve sua décima primeira edição em 2019. Organiza-se em quatro módulos bimestrais que se dedicam a compreender aspectos da produção de habitação entre nós, sobretudo por parte do Poder Público, e nos quais se pretende, de forma abrangente, tratar questões como moradia, infraestrutura e equipamentos. Dedicar-se, nos módulos, à reflexão propositiva quanto ao habitat humano. Os módulos são organizados em aulas aglutinadas em disciplinas (que em geral correspondem a quatro aulas consecutivas), sob a curadoria de professores que têm se destacado como parceiros do curso.

O primeiro módulo traz uma reflexão sobre nosso legado quanto à produção de habitação social, a partir da observação de experiências contemporâneas e do século XX, no Brasil e no mundo. Como tema de ateliê, a proposta em 2018 foi estudar possibilidades para o bairro do Bixiga, em São Paulo.

O segundo módulo dedica-se a trabalhar com os bairros populares precários. Como tema de ateliê, foi trabalhado o bairro do Sol Nascente, na Ceilândia, junto a Brasília. Para tanto, tivemos convidados ligados à CODHAB, que tem realizado importante trabalho de promoção da atuação de Assistências Técnicas no Distrito Federal. Neste módulo são discutidas questões como Políticas Públicas e Movimentos de Moradia.

Os terceiro e quarto módulos do curso são dedicados, respectivamente, à questão

da legislação (urbana e ambiental) e à questão tecnológica. Em ambos, o período de ateliê é sobre o mesmo tema, com duas etapas de projeto – uma primeira em que se solicita um plano urbano (*Master Plan*) e uma seguinte em que se aproxima da escala do edifício, da infraestrutura urbana, do equipamento. Na edição de 2018, trabalhamos com o Jardim Paraná, no norte do município de São Paulo, junto ao córrego do Bananal, com muitas áreas de risco e grande precariedade construtiva e quanto aos equipamentos e infraestrutura local. A região faz parte da Bacia do Cabuçu de Baixo, afluente da margem direita do rio Tietê. A região é de morfologia movimentada, tem muitas nascentes e está no sopé da Serra da Cantareira. O tramo norte do rodovial, que está em obras junto ao bairro escolhido para investigação propositiva, as obras de piscinões e linhas de alta tensão instaladas fazem pensar na presença de infraestrutura na escala metropolitana, cujos eixos são entremeados por uma ocupação frequentemente desordenada e auto construída.

Em 2019 houve a terceira edição do 'Curso Livre Regularização Fundiária', coordenado pela arquiteta Violêta Kubrusly, uma das idealizadoras do curso Habitação e Cidade, que segue apoiando e participando ativamente do debate que nele se estabelece. Nesse curso livre, alunos regulares do curso Habitação e Cidade participam junto com alunos que se inscreveram para a semana intensiva, obtendo, todos, certificado independente.



professor ruben otero orientando grupos de trabalho na pós habitação e cidade

mobilidade e cidade contemporânea

A passagem da cidade moderna para a contemporânea coloca como uma das questões e desafios centrais os problemas concernentes à mobilidade, ou aos sistemas de mobilidade. Estes se recolocam criticamente no debate e na produção disciplinar do planejamento urbano e territorial, do urbanismo e da arquitetura. Dadas a duração e a relativa inércia características da disposição técnico-territorial das infraestruturas *vis-à-vis* a múltipla interface que entretêm com todos os demais sistemas, e às mudanças de ordem tecnológica, que desorganizam e reorganizam polifonicamente o território contemporâneo, qualquer posição setorial revela, cada vez mais, todo seu anacronismo.

Portanto, com foco nas questões de acessibilidade, seus requisitos, desdobramentos e implicações sociais, ambientais, econômicas e territoriais, o tema da mobilidade — entendido e trabalhado em registro de estrutura, forma e paisagem — se apresenta como matéria e eixo central de indagação e investigação, de experimentação e proposição metodológica e conceitual, teórica e prática, deste curso de pós-graduação em urbanismo da cidade contemporânea que a Associação Escola da Cidade – Arquitetura e Urbanismo AECAU – passou a oferecer em 2018.

Formulado em cooperação acadêmica com o Curso de "Master en Projectación Urbanística" (MPU) do Departamento de Urbanismo i Ordenación del Territorio da Universidad Politécnica de Cataluña (UPC), este curso possibilita ao aluno obter a

dupla titulação - da Escola da Cidade (pós-graduação) e da UPC (máster). Ademais, o intercâmbio abre oportunidades multiculturais de convivência e compartilhamento de experiências com alunos de diferentes países que atendem ao European Postgraduate Masters Programme in Urbanism, do qual a UPC, junto com outras três relevantes universidades europeias (TU Delft, KU Leuven e IUAV Veneza), é parte fundadora e força motriz.

Constitui objetivo específico que os alunos que a concluírem, sejam capazes de analisar as problemáticas urbanísticas relativas aos sistemas de mobilidade e transportes coletivos urbanos, em suas diferentes escalas e temas, nas técnicas e materiais, nas relações e implicações mútuas que entretêm com os demais sistemas e espaços urbanos e territoriais e assim se capacitar para:

- Elaborar propostas de ordenação, requalificação e urbanização destes espaços, articulando as possibilidades de intervenções físico-espaciais e funcionais nas diversas temáticas propostas com as correlativas dimensões sociais, econômicas, técnicas, de regulação e de gestão urbana;
- Manejar as distintas escalas, em suas diferentes imbricações, que participam do projeto urbanístico, tendo em vista investir uma reflexão individual e fundamentada sobre as principais problemáticas dos distintos campos de ação do urbanismo e da arquitetura interessados aos sistemas de mobilidade, vinculados a questões ambientais e de inclusão social.



professor Tácito Pio da Silveira ministrando aula sobre mobilidade

revista américa

Pensar em América e em América Latina é pensar e tensionar os seus usos e sentidos a partir de outros termos com que foi historicamente confrontada na disputa por hegemonia como matriz explicativa nos diversos campos do conhecimento: Pan-América, Ibero-América, Afro-América, América do Sul e tantos outros.

Desde o século XIX, a arquitetura e desenho de cidades na América Latina se relacionam com a invenção ou imaginação das identidades nacionais e supranacionais em seu duplo e dialético sentido de criação de um passado legitimador relacionado particularmente à esfera da cultura, bem como de símbolos contemporâneos socialmente reconhecíveis e apropriáveis. O interesse e curiosidade por esses caminhos outros da modernidade viriam a intensificar-se no segundo pós-guerra. A chegada do século XXI animaria ainda mais os contatos e trocas entre arquitetos latino-americanos certamente impulsionados pelos esforços históricos de aproximação econômica e política e um renovado interesse internacional pela produção nessa parte do mundo. Nesse contexto surgia a Pós-Graduação da Escola da Cidade, pensada desde logo como partícipe e incentivadora desses diálogos internacionais.

Para além do interesse em estabelecer pontes e diálogos, qual seria o sentido mais amplo no enfrentamento da América Latina – e através dessa da América, de forma mais ampla – como recorte possível para uma abordagem científica ou acadêmica? O primeiro ponto parece evidente a partir

do já exposto: a recorrência e permanência histórica do termo. O segundo ponto, pode-se dizer que se depreende daí: a importância e significado residem justamente no esforço consciente de construção dessa unidade inalcançável e de seu papel permanente como figura do imaginário intelectual e político. Nas famosas palavras de Ángel Rama de inícios da década de 1980, “América Latina continua sendo um projeto intelectual vanguardista que espera sua realização concreta”.

Nesse desafio e reflexão permanente se lança a revista América que surge como comemoração dessa primeira década de Pós-Graduação na Escola da Cidade – publicação periódica que tem como objetivo promover a divulgação de pesquisas e práticas científicas que apresentem relevância para o campo da Arquitetura e do Urbanismo (bem como áreas afins) em seus múltiplos aspectos. Composta em três seções – Dossiê, Artigos e Projetos – serão publicados artigos científicos de caráter inédito e projetos não construídos, ambos submetidos à avaliação cega por pares.

A revista busca, assim, se colocar como um espaço para a discussão e divulgação de projetos de arquitetura e urbanismo entendidos como pesquisa. É, ainda, um canal de extroversão das discussões promovidas pelos cursos de Pós-Graduação da Escola da Cidade e caracteriza-se pelo acesso livre, publicada semestralmente em sua forma impressa e digital, com submissões em português, espanhol e inglês.

Em 2019 esteve entre as publicações finalistas do prêmio concedido pela Bienal Ibero-americana de Arquitetura.



3.

cursos livres



curso arquiteturas móveis: vivenciando as experiências cênicas da bauhaus. foto: joe santos

apresentação

É responsabilidade do Conselho Científico definir os procedimentos pertinentes, acolher, analisar e, junto com o Conselho Escola, aprovar a realização de Cursos Livres na Escola da Cidade. Entende-se como Cursos Livres, cursos de extensão, de caráter extracurricular e abertos a participação de todos os interessados.

Ao longo de 2019 o Conselho Científico procurou aprimorar suas estratégias de organização dos cursos livres montando uma agenda semestral, a partir das propostas recebidas e analisadas com pareceres por ao menos dois professores pertencentes ao quadro docente da Escola da Cidade.

cursos 2019

No 1º semestre de 2019 foram oferecidos os seguintes cursos:

Arquitetura Japonesa: Tradição, Modernidade e Contemporaneidade

Marina Pedreira de Lacerda

Arquitetura Moderna no México Através da Obra de Juan O’Gorman, Luis Barragan,

Mario Pani e Félix Candela

Marina Panzoldo Canhadas

Arquitetura Paulista - Módulo 12

Marco Artigas Forti

Cidade e Gênero: Conceitos, Teorias, Políticas e Práticas

Paula Freire Santoro e Marina Kohler Harkot

Planejamento Metropolitano: Método, Conceitos, Alcance

Carolina Heldt D’Almeida

Prática Crítica do Fazer Arquitetônico - Métodos, Teorias e Estudos de Caso da Antropologia, História Social e Ativismo

Giuseppina Forte

Prática Profissional em Arquitetura: Gestão e Organização Para o Exercício da Profissão

Renata de Paula Fonseca Palladini e Karine da Silva Ferro

No 2º semestre de 2019 foram oferecidos os seguintes cursos:

A Cidade como Invenção

Frederic PetitDemangé

A Regularização em suas 3 Dimensões

Luis Octávio; Violêta Kubrusly

Arquitetura Paulista - Módulo 13

Marco Artigas Forti

Arquiteturas Móveis

Guilherme Yazbek

Ecologia Urbana: Do Corpo Ao Território

Luis Octávio; Andressa Capriglione; Marcella Arruda e Fernanda Ravanholi

Estudos e Intervenções em Pré-existentências

Sabrina Fontenele, Anna Beatriz Galvão e Silvio Oksman

Fotografia de Arquitetura

Bebete Viégas

Geoprocessamento Para Ação Coletiva

Luciana Fukimoto Itikawa e João Bonett Neto

O Diagrama Como Estratégia Projetual

Marina Pedreira de Lacerda

Planejamento Urbano e Democracia

Marcos Kiyoto de Tani e Isoda; André Dal’Bó da Costa; Armando Palermo Funari e Marina Kohler Harkot



4.

ensino médio



escola de humanidades

Se, por algum acaso, o tempo se apresentasse nas primeiras reuniões de fundação da futura Associação de professores da Escola da Cidade e revelasse que, 22 anos depois, teríamos formado 14 turmas de novos arquitetos e urbanistas; conduziríamos cinco cursos de pós-graduação; manteríamos, com regularidade, publicações e exposições acerca do tema; projetaríamos e construiríamos – com participação dos alunos – parques, escolas e espaços para imigrantes; estaríamos desenhando um Sesc; e, se não fosse o suficiente, aprovaríamos uma escola de ensino médio e técnico, pela segunda vez, com mais de vinte alunos na primeira turma; será que aquelas pessoas levariam o processo todo com a mesma leveza?

Após seis anos de sua concepção, e de idas e vindas, a Fábrica-Escola de Humanidades – João Filgueiras Lima, também começa o seu percurso. Uma escola sem finalidade de lucro, como sua mantenedora, que se tornou possível pela experiência de sucessos e fracassos, pela infraestrutura acumulada e, principalmente, pelo apoio dado por todos da Escola da Cidade. Possível também por todas as empresas privadas e pessoas físicas que patrocinaram bolsas de estudo,

por acreditarem na mudança possível da sociedade, através da educação.

O projeto tem como estrutura a filosofia, a arte, a literatura, a ecologia e a música, o que denominamos FALEM. Antes como aulas isoladas na grade, esses temas se tornaram os eixos nos quais as disciplinas mais convencionais do ensino médio e técnico se organizam em seus entornos. Os alunos e professores transitarão entre as salas do sexto andar do edifício, da rua General Jardim, e o galpão na Amaral Gurgel, borrando os limites geográficos e epistemológicos entre o fazer e o pensar.

As práticas esportivas e os almoços serão feitas nas unidades do Sesc, graças a mais uma parceria firmada com a instituição, e os cursos de línguas estrangeiras serão reconhecidos, ao final, pelo British Council e pelo Instituto Cervantes, garantindo que o aluno formado pela Fábrica-Escola possua, na conclusão, quatro diplomas: ensino médio, desenhista da construção, inglês e espanhol com reconhecimento internacional.

Fundar uma escola, seja qual ela seja, nesse momento do país é um gesto de resistência e esperança. O que será daqui 22 anos? Só o tempo dirá. Só nos resta continuar acreditando e contribuindo dentro de nossa possibilidade, seguir caminhando juntos e com leveza.

5.

**conselho
científico/pesquisa**



entrevista com beatriz colomina

apresentação

As ações de Pesquisa desenvolvidas na Escola da Cidade compõem múltiplas e diversificadas estratégias que se articulam por meio do Conselho Científico. Compõem esse arcabouço o Programa de Iniciação Científica, bem como plataformas, convênios e outras modalidades de pesquisa atreladas a órgãos públicos de fomento ou de caráter aplicado desenvolvidas por alunos e professores: Plataforma Habita Cidade; Convênio Escola da Cidade - Departamento de Patrimônio Histórico (DPH-SMC)

A pesquisa científica é assim tema conhecido e presente não apenas para aqueles alunos e professores diretamente envolvidos nessas atividades, mas para o corpo docente e discente de forma mais ampla. Inicia-se nesse cenário a construção de pesquisas científicas de maior fôlego, capitaneadas por professores, individualmente ou em conjunto, a exemplo de pesquisa financiada pelo CNPq e de outras que se desenvolvem em diálogo com espaços diversos da Escola da Cidade - Graduação, Pós-Graduação e Conselho Técnico.

Mas qual é o sentido da construção desse arcabouço? Quais contribuições ele traz para o ensino de uma ciência social aplicada, como a arquitetura e o urbanismo? A tônica da pesquisa científica historicamente recaia na produção de conhecimento. Entretanto, a noção de produção de conhecimento gradualmente migrou da grande e inimaginável

descoberta, do absoluto ineditismo dos materiais e fontes, para a capacidade de questionar verdades naturalizadas e de formular novas questões sobre o já conhecido. As habilidades de análise crítica da realidade, formulação de questões junto a hipóteses e meios para suas resoluções, são assim aprendizados fundamentais da atividade de pesquisa, de grande importância não apenas para aqueles alunos que porventura decidirem dar continuidade a seus percursos acadêmicos, mas para todo e qualquer profissional. Na contemporaneidade, quando constantes proposições de novas mídias e meios nos obrigam constantemente a um reposicionamento em relação ao uso de novas tecnologias, torna-se habilidade de grande valor a capacidade de entender criticamente os novos sentidos, possibilidades e limites colocados para o fazer profissional. Assim, acima de tudo, a pesquisa científica é espaço fundamental para a construção de uma postura crítica e atenta por definição, que não nega nem se afasta da ideia de aplicabilidade, embora certamente não se restrinja a ela. A constituição de uma estrutura de pesquisa científico-acadêmica busca, em última análise, construir espaços de reflexão fundamentada e questionamentos crítico que sejam capazes de nos tornar, professores e alunos, profissionais mais conscientes dos processos atrelados ao fazer profissional da arquitetura e urbanismo em todas as suas facetas.

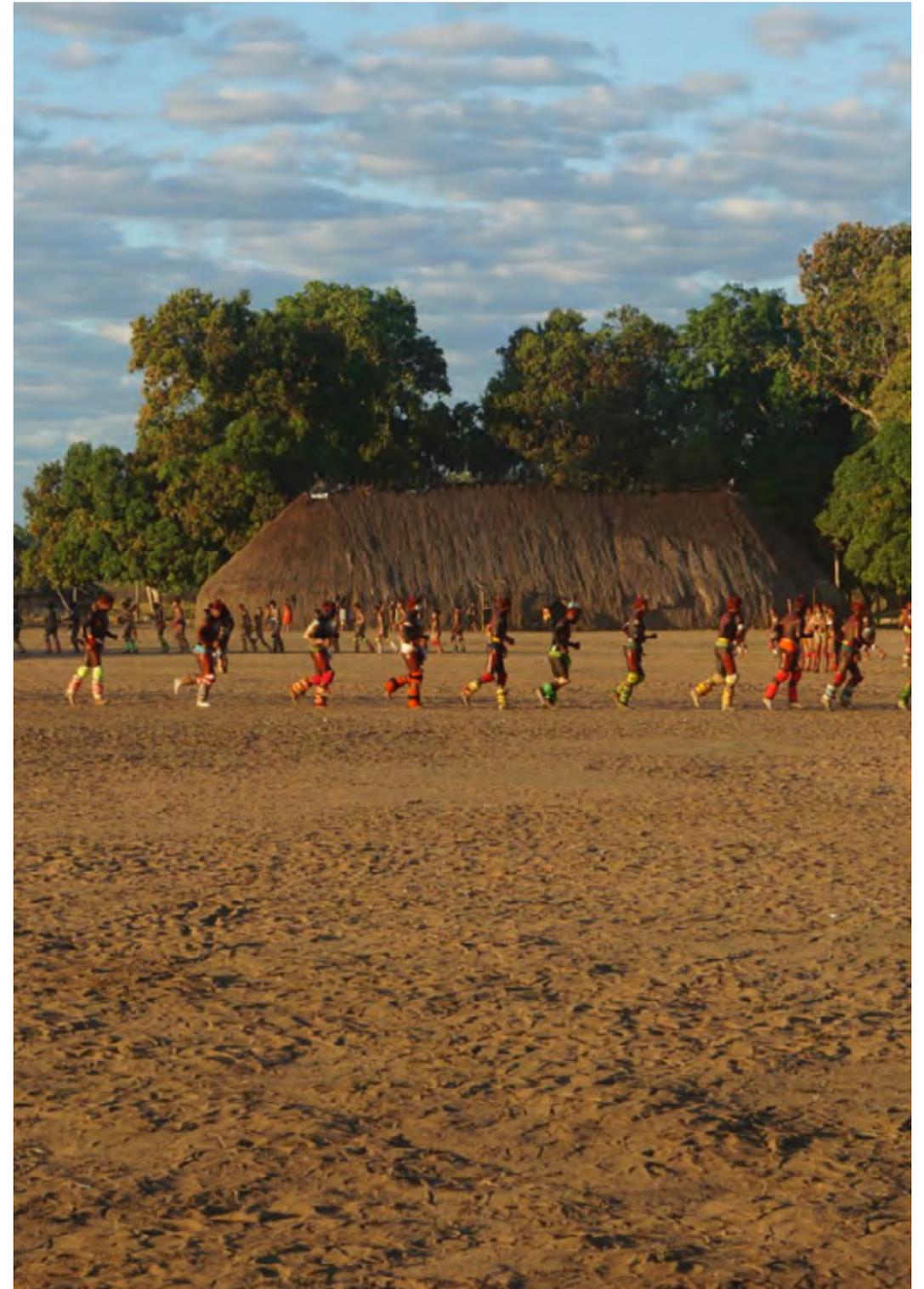
plataforma habita cidade

A Plataforma Habita-Cidade, que surgiu dentro do curso de Pós-graduação Lato Sensu Habitação e Cidade, promove pesquisas e ações relacionadas aos movimentos sociais, buscando o manejo ecológico da paisagem que é defendida como produtiva, articulando habitação e produção de alimentos. Adotam-se os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável ODS (2030), que são entendidos como compromissos brasileiros, através de ativismo, capacitação técnica e educação universitária no desenvolvimento de projetos que representam possibilidades e desafios quanto à sustentabilidade do planeta. Projetos realizados no âmbito da Plataforma habita-cidade estão empenhados em evitar emissões de gases de efeito estufa, assumindo que não há resíduos, mas recursos - assim, qualquer material removido terá destino correto e reinserção em ciclos de uso. A ideia é a de que materiais sejam escolhidos de acordo com seu custo ambiental e salubridade. A produção de alimentos e o saneamento da água são parte central do manejo da paisagem e dos assentamentos humanos.

Em Julho de 2019, na Plataforma habita-cidade, foi organizada a Oficina-viagem “Modos de Habitar: Arquiteturas Tradicionais” que levou alunos e professores para a Aldeia Ypawu, em território Kamayurá no Alto Xingu. O

objetivo geral das Oficinas-viagem “Modos de Habitar” é a reflexão propositiva sobre as diversas formas do Habitat humano no planeta. Em 2019, a partir de uma demanda dos mestres construtores Kamayurá de produzir um Manual de Arquitetura local, a Oficina-viagem foi preparada para que o grupo para lá deslocado atuasse como apoio para essa importante empreitada. A ideia do Manual de Arquitetura Kamayurá foi inicialmente lançada por Kanawayuri L. Marcello Kamaiurá (liderança local) para a arquiteta Clarissa Morgenroth (arquiteta formada na Escola da Cidade) e para a diretora teatral Cibele Forjaz. A Escola da Cidade foi então convidada a participar do projeto, que foi encampado pela Plataforma habita-cidade.

Luísa Valentini (antropóloga), Anna Dietzsch (arquiteta, professora na Columbia University e ex-professora da Escola da Cidade) e Luis Octavio de Faria e Silva (mediador da Plataforma habita-cidade e professor na Escola da Cidade) juntaram-se à Clarissa (conhecida atualmente como Clara) e Cibele na preparação da Oficina-viagem que contou com um curso preparatório quando aconteceu a conceituação e a instrumentalização para a elaboração de um o Manual da Arquitetura Kamayurá elaborado durante a oficina-viagem em julho de 2019.



ritual do kwarup na aldeia kamayurá de ypawu



oficina-viagem "modos de habitar: arquiteturas tradicionais" que levou alunos e professores para a aldeia ypawu, em território kamayurá no alto xingu



mesa de encerramento da XI jornada de iniciação científica da escola da cidade no IAB-SP

programa de iniciação científica

Proveniente das ações de pesquisa desenvolvidas por alunos da graduação junto ao Núcleo de Pesquisa desde 2008, o Programa de Iniciação Científica passou, em 2015, a integrar o Conselho Científico e se organiza atualmente a partir de três modalidades de pesquisa científica desenvolvidas por alunos de graduação, sempre com orientação de professores qualificados para tanto e com financiamento da Escola da Cidade ou de órgãos externos de financiamento: iniciação científica, pesquisa experimental e vivência externa em pesquisa / pesquisa aplicada. Como parte de suas atividades regulares, o Programa de Iniciação Científica possui ainda duas instâncias de discussão e extroversão das pesquisas realizadas: a Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade - realizada anualmente desde 2009; e os Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade - periódico de caráter científico.

Atrelado ao Conselho Científico, o Programa de Iniciação Científica da Escola da Cidade vem crescendo a cada ano. Desde 2008, quando o edital abriu as primeiras duas vagas de pesquisa, foram desenvolvidas mais de 70 pesquisas - número que demonstra a consolidação da investigação acadêmica na Escola - e

neste ano de 2019, o programa alcançou resultados importantes, frutos da ação constante e coletiva de alunos e professores envolvidos.

Outro fato importante a mencionar refere-se à multiplicidade de temas e questões essenciais ao campo de atuação do arquiteto e urbanista abordados nessas pesquisas, desenvolvidas desde os mais diversos pontos de vista. Questões muitas vezes inicialmente discutidas em sala de aula desdobram-se em novas pesquisas, percorrendo um amplo espectro disciplinar, da habitação social às discussões da paisagem, da arte pública à crítica da arquitetura moderna brasileira, do urbanismo ao design, em todas suas linguagens, métodos e técnicas pertinentes. Outras, suscitadas pelos interesses próprios dos alunos ou por pesquisas desenvolvidas pelos professores em suas atividades de investigação, também renderiam temas de pesquisas contemplados pelo programa.

Bolsas de Pesquisa

O Programa de Iniciação Científica da Escola da Cidade conta atualmente com 12 bolsas de pesquisa financiadas pela própria instituição - fato raro para uma instituição particular, talvez único em proporção ao número de

alunos - e igualmente distribuídas em três modalidades - iniciação científica, pesquisa experimental e pesquisa aplicada / vivência externa em pesquisa. As bolsas significam um valor mensal pago a estudantes para o desenvolvimento sério e comprometido de atividade de pesquisa em um regime de 20hs semanais, em horários não conflitantes com suas atividades discentes, durante um período de 6 (pesquisa aplicada / vivência externa em pesquisa) ou 12 (iniciação científica e pesquisa experimental) meses. Os alunos são sempre acompanhados de maneira próxima por um professor orientador, responsável pela condução teórico-metodológica da pesquisa. A oportunidade de recebimento dessas bolsas é disponibilizada aos alunos anualmente por meio de editais de seleção com critérios previamente divulgados e atinentes às atividades de pesquisa de forma geral e às especificidades de cada modalidade.

As Bolsas de Iniciação Científica e Pesquisa Experimental são disponibilizadas anualmente para estudantes entre o segundo e quarto ano do curso, através de seleção que envolve a elaboração de projeto de pesquisa avaliado por professores especialistas internos e externos ao quadro da Escola da Cidade. Junto ao lançamento dos editais têm sido realizadas oficinas abertas aos interessados que esclarecem e apoiam os alunos nos procedimentos de montagem de um projeto de pesquisa. Ambas as pesquisas se pautam pelo rigor acadêmico, formando jovens pesquisadores competentes que posteriormente podem eventualmente se vincular aos programas de pós-graduação com uma experiência importante. Entretanto, se a Iniciação

Científica se pauta pelos moldes mais tradicionais de pesquisa de caráter sobretudo teórico e textual, a Pesquisa Experimental se afirma como investigação propositiva voltando-se para iniciativas de experimentação no urbanismo e na arquitetura, através dos seus diversos elementos de expressão (linguagem) e conteúdo (técnica). Pressupõe-se assim, nesse caso, que o plano ou projeto proposto para realização devem estar imbuídos de propósitos de investigação ou da produção de modelos técnicos e que, a partir de leituras da diversidade e da complexidade arquitetônica e urbana contemporâneas, se construam hipóteses de descrição, registro e transformação da realidade. Ambas modalidades de bolsa contam ainda com a participação do aluno na Jornada de Iniciação Científica e, ao final do período, com a submissão de um artigo para avaliação e eventual publicação junto à revista *Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade*.

Desde 2015 conta-se ainda com outra modalidade de bolsa de pesquisa disponibilizada pela instituição aos alunos de graduação, a Vivência Externa em Pesquisa/ Pesquisa Aplicada. Atividade obrigatória no âmbito do currículo da graduação em arquitetura e urbanismo da Escola da Cidade, a Vivência Externa é realizada pelos alunos no décimo semestre do curso (quinto ano) em uma das modalidades escolhidas: estágio assistido, intercâmbio acadêmico, ateliê de obras ou pesquisa assistida. A partir de 2015, os alunos de vivência externa em pesquisa passaram a realizar suas pesquisas de maneira integrada ao programa de Iniciação Científica da Escola, quer seja do ponto de

vista do acompanhamento dos trabalhos que passou a ser feito pelo coordenador do programa, quer seja do ponto de vista da difusão dos resultados, uma vez que essa modalidade prevê também a participação do aluno na Jornada de Iniciação Científica e eventual publicação junto à revista *Cadernos de Pesquisa*. Caracterizada por um período de desenvolvimento de 6 meses (ao invés dos 12 das outras duas modalidades) essa pesquisa possui ainda certas peculiaridades ao buscar explorar as conexões entre pesquisa acadêmica e atuação profissional, assumindo, portanto, caráter aplicado. Em 2017, 2018 e 2019, essa pesquisa se desenvolveu junto ao convênio firmado entre a Escola da Cidade e o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH-SMC). Aos alunos é assim colocado o desafio de atuar como pesquisadores em atividades complementares às desenvolvidas pelo órgão de patrimônio (como por exemplo em pesquisas que fundamentam processos de tombamento), trazendo ainda a possibilidade de uma reflexão crítica sobre tal campo de atuação. Essas bolsas são prioritariamente disponibilizadas para alunos do quinto ano (em seu período de Vivência Externa), mas, caso haja vagas remanescentes, são também oferecidas como oportunidades para alunos entre o segundo e quarto ano.

Jornada de Iniciação Científica

Promovida anualmente pela Escola da Cidade desde 2009, a Jornada de Iniciação Científica chegou a sua XI edição em 2019 assumindo um tamanho e importância não vislumbrados quando de sua criação.

Proposta como oportunidade de difusão e debate de pesquisas desenvolvidas

na graduação da própria escola, e idealizada como espaço prolífico de debate, evidenciando a diversidade e as múltiplas possibilidades assumidas pela pesquisa de graduação em arquitetura e urbanismo, seus objetivos foram plenamente alcançados e superados.

Abrindo espaço desde 2014 também para a apresentação de pesquisas de iniciação científica desenvolvidas por alunos de outras universidades, faculdades e escolas de ensino superior, pode-se dizer que a Jornada de Iniciação Científica assume hoje caráter nacional como espaço fundamental de debate e adensamento do pensamento crítico no âmbito da pesquisa científica em arquitetura e urbanismo, ainda no âmbito da graduação. Muito nos alegra perceber que a cada ano as respostas para a chamada de trabalhos aumenta não apenas em número, como em diversidade de origem e instituições envolvidas. E o reflexo da construção desse espaço de debate é também sentido no envolvimento cada vez mais intenso de nossos alunos com o evento e com as atividades de pesquisa de maneira mais ampla.

Assim, diante do sucesso dos últimos anos e da alta procura dos jovens pesquisadores, a Comissão da XI Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade entendeu que a ampliação da jornada para dois dias seria um ganho positivo para alunos e docentes. Neste sentido, a XI Jornada de Iniciação Científica foi organizada com 20 mesas nos dias 29 e 30 de outubro, que reuniram mais de 100 pesquisas de alunos de graduação de todo país, e que contaram com os comentários de profissionais de destaque em seus campos de atuação.

revista cadernos de pesquisa

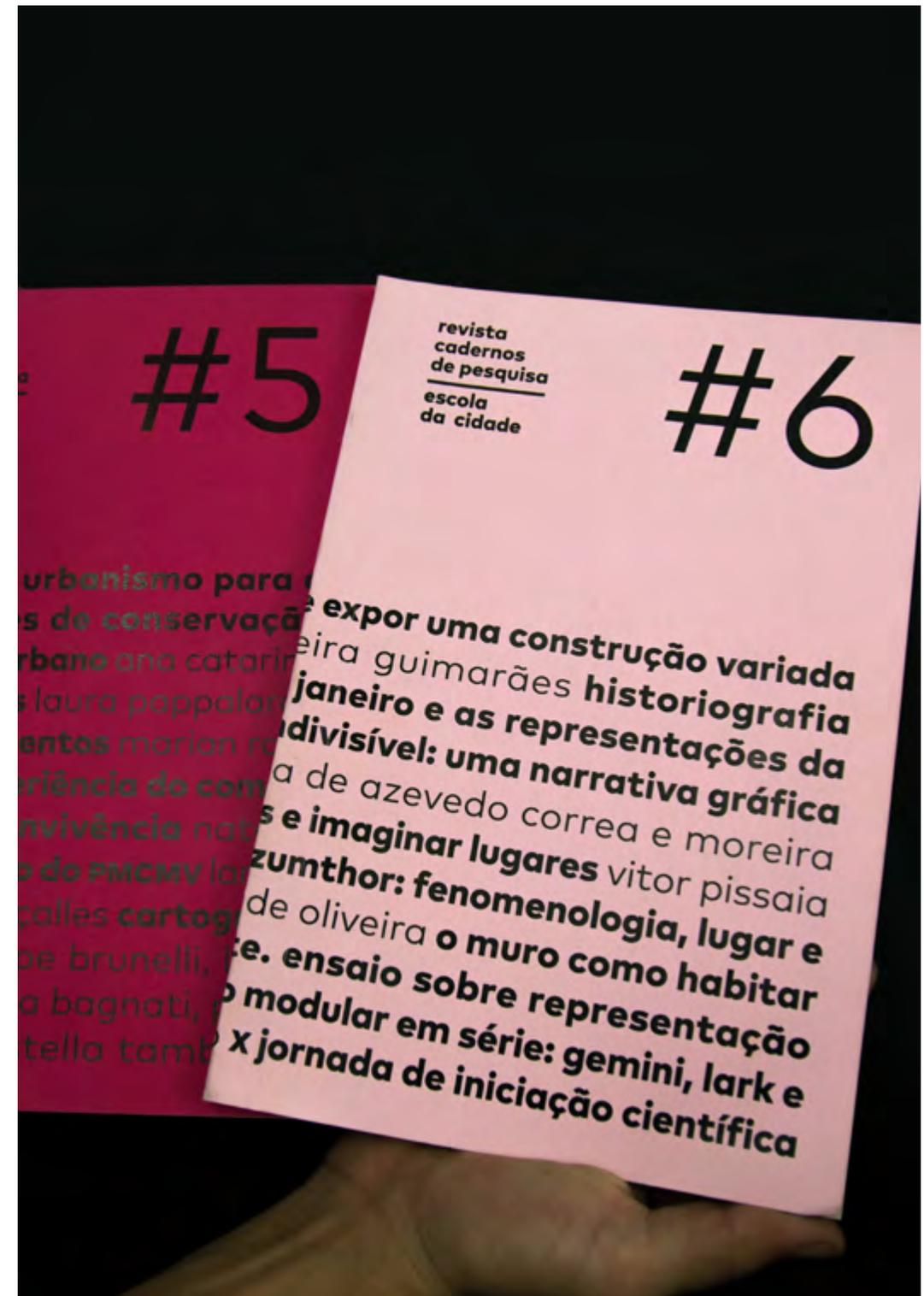
Criada em 2015 como publicação periódica, a Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade têm como objetivo divulgar e tornar públicas as ações de Iniciação Científica desenvolvidas por esta instituição. De caráter acadêmico e científico configura-se como um espaço de discussão e reflexão dedicado às questões afeitas à pesquisa de arquitetura e urbanismo - bem como áreas afins - em seus múltiplos aspectos. Voltados para a publicação de trabalhos de pesquisa desenvolvidos por alunos durante a graduação, a Cadernos busca qualificar e fomentar as pesquisas desenvolvidas na Escola da Cidade, mas também chamar ao diálogo pesquisadores de outras instituições.

Em 2019, duas novas edições foram publicadas: em maio (#7) e em outubro (#8). Afirmou-se assim, por um lado como canal de extroversão ao divulgar estruturas inovadoras de pesquisas desenvolvidas e, por outro lado, como espaço de diálogo, dado que o número de submissões externas de artigos superaram em muito as expectativas quer seja na quantidade de artigos enviados, quer seja na diversidade de origens e contextos em que foram produzidos. Alunos de graduação e arquitetos-urbanistas recém-formados de partes diversas do país nos brindaram com o envio de trabalhos que evidenciam as múltiplas temáticas de pesquisas desenvolvidas em universidades públicas

- federais e estaduais - mas também em muitas instituições privadas.

Esse percurso foi honrado e reconhecido em dezembro de 2018 com o recebimento do primeiro lugar junto ao Prêmio IAB-SP 2018 - 75 anos, conferido à Escola, tanto pela revista Cadernos de Pesquisa, quanto pelo livro O Edifício da FAU-USP de Vilanova Artigas, segundo termos explicitados na ata de premiação:

"(...) No atual contexto político e social brasileiro, as universidades públicas estão submetidas a um sistemático sucateamento financeiro que as estão dilacerando. O ensino privado só almeja seu lucro. Portanto resolvemos outorgar o prêmio desta categoria a uma entidade, uma escola que neste panorama se fez modelo através do exame da excelência de uma revista e de um livro, que não são os primeiros, mas que nos dão a certeza da continuidade deste processo. Há uma semana atrás esta escola lançou mais uma revista, para divulgação dos trabalhos de pós-graduação para a qual deram o nome América. Portanto, após a escolha do tema, passando pela pesquisa, pela elaboração do texto primoroso, pela qualidade gráfica do projeto das revistas e dos livros, esta escola se notabilizou pelos vários produtos já apresentados. Portanto o principal prêmio desta categoria vai para uma escola, a Escola da Cidade."



6.

conselho técnico

ações e projetos

O Conselho Técnico é o órgão responsável por conduzir o conhecimento técnico produzido na Escola à comunidade (órgãos públicos, entidades, instituições afins do terceiro setor, empresas e demais representantes da iniciativa privada), por meio da proposição e coordenação de projetos, congregando professores, alunos e ex-alunos da Escola da Cidade (Grupos Técnicos).

Cabe também ao Conselho Técnico a gestão da manutenção e coordenação das intervenções no edifício sede da Escola da Cidade (situado à Rua General Jardim, 65) bem como fazer a gestão dos grupos técnicos de trabalho e de todos os projetos técnicos desenvolvidos pela Escola para a sociedade em geral.

Confira as principais atividades de 2019:

Sesc Campo Limpo

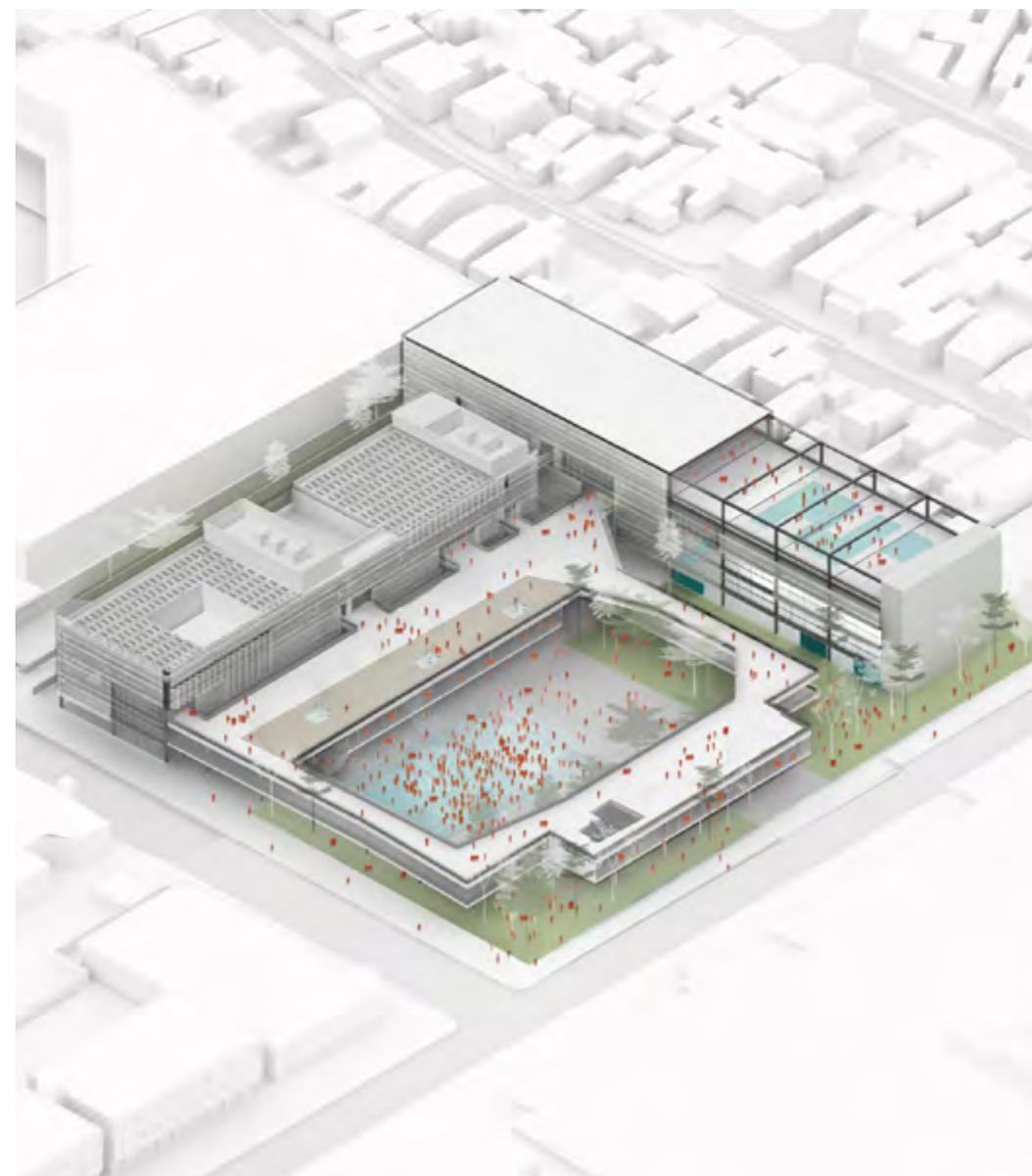
Firmada no final de 2015, a parceria com o Sesc-SP para a concepção da nova unidade no Campo Limpo contemplou uma série de atividades de apoio tais como a pesquisa 'Territorialidades Culturais', o curso 'Cultura, Objeto e Indústria' e o Seminário Internacional 'Espaço Livre na Cidade', realizados ao longo deste ano.

Em diálogo e troca contínua com estes ensaios, o projeto para a nova unidade se organizou em dois momentos: o primeiro chamado de 'Implantação Inicial' elaborou

uma estratégia de caráter infraestrutural para a instalação imediata de uma edificação provisória, que poderia abrigar o programa Sesc Campo Limpo sem cessar suas atividades, até a conclusão da 'Implantação Final'.

Por sua vez, o projeto para a "Implantação Final" foi sendo discutido periodicamente através de oficinas abertas a toda comunidade da Escola da Cidade. Pioneira e inovadora, essa é a primeira experiência de um projeto de arquitetura, de autoria coletiva, desenvolvido por uma faculdade. Nestas conversas, através de desenhos, colagens e maquetes foram abertos caminhos instigantes que seguiram sendo desenvolvidos ao longo do tempo até a definição de um partido que abarcasse os cerca de 23 mil m² de área programática, incluindo áreas de convívio cobertas e descobertas, e oferecesse, seguindo as premissas dos resultados das primeiras pesquisas elaboradas, uma praça pública multiuso que recebe distintos usos e aglomerações para as diversas expressões culturais da região. O projeto se implanta também baseado em uma lógica de faseamento da obra, de maneira que as atividades já exercidas ali não sejam totalmente interrompidas.

As equipes complementares de Ambientação, Conforto Térmico e Acústico, Luminotécnica e Paisagismo,



maquete digital do sesc campo limpo - acervo conselho técnico

assim como Esquadrias e Fluxo de Veículos se juntaram à Arquitetura já em etapa de Estudo Preliminar, trabalhando juntas com o objetivo de afinar ao máximo o projeto que se encontra na iminência do início do Anteprojeto.

Concurso Vila dos Mellos

A Escola da Cidade foi convidada para organizar um concurso fechado de arquitetura para a seleção de cinco escritórios responsáveis pelo projeto de casas em um empreendimento da Vila dos Mellos, situado em Santo Antônio do Pinhal (SP). O empreendimento prevê a construção de 101 casas, totalmente produzidas em sistemas construtivos pré-fabricados, e se integra a um complexo que totaliza 2 milhões de m², ao redor do Hotel Botanique. Foram convidadas 85 equipes de arquitetos, entre professores e não professores. O concurso foi organizado em duas etapas: a primeira selecionou 10 trabalhos finalistas; a segunda definiu as cinco equipes vencedoras. O Concurso foi realizado entre os meses de agosto e dezembro.

Workshop Escola Lumiar

A Escola Lumiar, com sua proposta pedagógica diferenciada e de vanguarda, pretende abrir uma nova unidade no Bairro de Pinheiros. Neste objetivo, procurou a Escola da Cidade no intuito de obter ideias e conceitos inovadores para o projeto de intervenção e de reforma deste edifício.

A proposta foi concebida em três etapas ou módulos, que poderiam ser contratados separadamente e de forma independente. Apenas o primeiro módulo de 'Discussões Conceituais' foi realizado.

Este módulo se constituiu num ciclo de discussões (*brainstorm/charrete*) de três dias, organizados pela Escola da Cidade, entre professores, alunos e convidados externos.

Produto apresentado: relatório com a compilação de conceitos propostos e síntese das premissas que deverão orientar o projeto.

Consultoria e Assessoria para cursos de MBA da Fundação Dom Cabral

A Fundação Dom Cabral, em São Paulo, contratou a Escola da Cidade para produzir um material com sugestões de lugares e atividades pedagógicas do Executive MBA, que potencializassem as discussões nas aulas. Com esse intuito, o Conselho Científico e o Conselho Técnico realizaram a produção de dois cadernos.

O primeiro deles reúne os temas, 'Cidadania & Confiança', para o qual foram selecionados a Ocupação Nove de Julho e o Sesc 24 de maio; 'Autoconhecimento & Desenvolvimento', a Biblioteca de São Paulo; 'Jornadas Colaborativas & Cenários e Ambientes', o Instituto Brincante e 'Humanidades e Gestão Contemporânea', um roteiro pelo triângulo histórico de São Paulo.

Já no segundo caderno, para os temas 'Sustentabilidade Corporativa', a Yougreen Cooperativa de Gestão de Resíduos; 'Propósito & Liderança Sustentável', o Templo Zulai; 'Liderança e Desenvolvimento', o Sesc Pompeia e 'O legado da liderança', a Fundação Oscar Americano.

Assessoria Técnica para Mutirão Parque Boa Esperança (MST Leste1)

A partir da participação de lideranças de movimentos organizados por moradia, em disciplinas da Escola da Cidade, do estudo

de conjuntos de autogestão e do interesse dos estudantes pelo aprofundamento do estudo, e trabalho neste campo de atuação, surgiu o contato direto com o Movimento Sem Terra Leste¹. A demanda estabelecida pelo movimento foi por uma assessoria técnica na construção, em regime de mutirão auto gestor, de um conjunto habitacional na zona leste. Após a conquista do terreno, por edital da Cohab, em novembro de 2016, um grupo de estudantes e professores, com apoio da assessoria técnica Ambiente, iniciou a elaboração de uma proposta de conjunto habitacional para 260 famílias, em São Mateus, zona leste de São Paulo. Após constante contato com a Prefeitura e assembleias mensais com a Leste 1 e as famílias selecionadas, o estudo preliminar foi entregue para a Cohab, em agosto de 2017. Hoje o projeto se encontra em análise.

Nesses primeiros anos, a assessoria atuou sob diversos formatos, como grupo de extensão à disciplina eletiva. Com a articulação e debates com outros trabalhos em desenvolvimento na Escola, a Assessoria integra hoje o Escritório Piloto, com estatuto próprio, espaço físico e apoio da instituição.

Curso Eletivo para elaboração dos projetos Funarte e Atelier Cendira. Oficina de projetos do conselho técnico

A Oficina constituiu-se como um ateliê de projetos oferecido aos estudantes no formato de uma disciplina eletiva, com a intenção de organizar um lugar de discussões e proposições acerca das diferentes demandas da sociedade civil que se apresentam junto à Escola da Cidade, por meio do Conselho Técnico. A

Oficina é um espaço onde se propõe não somente ensaiar a concepção dos espaços e suas relações com a cidade pré-existente, mas também discutir as intenções, os desejos, as restrições e possibilidades pautadas pelas diversas demandas reais que buscam estabelecer diálogos com a Escola da Cidade, desenvolvendo projetos que procurem responder de forma crítica e comprometida às aproximações entre o ambiente acadêmico e a comunidade.

No primeiro semestre de 2019, a Oficina se dedicou a dois projetos, que foram desenvolvidos pelos estudantes inscritos com o acompanhamento dos professores.

O primeiro foi a reforma e reorganização espacial do Ateliê Cendira, um espaço independente de trabalho e formação de mulheres, voltado à economia solidária e aos processos de produção sustentáveis. Sediado numa casa no Jardim São Luís, zona sul de São Paulo, o Ateliê Cendira possibilita o encontro e a produção coletiva, representando um importante lugar de identidade e articulação das mulheres da comunidade em seu entorno, engajadas em práticas de empreendedorismo e gestão compartilhada. A edificação que abriga o Ateliê, no entanto, se encontra em condições precárias e o grupo vêm realizando reformas emergenciais descoordenadas, de um projeto mais global. O projeto elaborado na oficina procurou repensar uma distribuição espacial mais adequada à diversidade de atividades desenvolvidas na casa atual, e que pudesse ser implementada a longo prazo, de modo a se adequar aos recursos disponíveis, pautado por soluções técnicas adequadas ao baixo orçamento e a construção de um diálogo, com a coordenação do Ateliê.



construção existente na aldeia ytu, feita pelos moradores guaranis

O segundo projeto tratava da organização das áreas não edificadas do conjunto de galpões da Funarte/SP, localizado nos Campos Elíseos, e que abriga diversas funções e instituições associadas ao Ministério da Cultura. O conjunto edificado registra um processo histórico de ocupação de grande complexidade e aponta a relação entre os modos de apropriação de edificações preexistentes de uso institucional e as dificuldades de "coexistências", entre diversos usos e funções, assim como a fragilidade na utilização e manutenção dos espaços não edificados e a inexistência de relações com o entorno imediato. O projeto se concentrou em um novo desenho para sua praça central, que apresenta hoje uma situação de manutenção não condizente com as suas possibilidades e com os anseios dos funcionários da Funarte, preservando a densa vegetação existente, reorganizando o acesso as edificações e imaginando uma nova articulação com a rua, que permitisse outras dinâmicas na relação com seu entorno.

Casa de Cultura Guarani

O projeto para a Casa de Cultura Guarani foi desenvolvido a partir de uma iniciativa de alguns professores e alunos da Escola da Cidade para contribuir com uma necessidade antiga dos Guarani: ter uma Casa de Cultura para vender seus artesanatos, dar oficinas sobre seus saberes, realizar reuniões com escolas e com organizações que sempre os procuram. Principal financiador e parceiro deste projeto foi a Organização Não Governamental CTI (Centro de Trabalho Indigenista), que serviu de ponte entre a

Escola e os Guarani. O projeto surgiu das necessidades dos Guarani de uma das seis aldeias pertencentes à Terra Indígena do Jaraguá, mais especificamente o Tekoa Ytu, que é a mais antiga e com território que corresponde a Terra demarcada e homologada considerada a menor Terra Indígena do Brasil.

Perante especificidades características de uma aldeia inserida no contexto urbano de periferia da cidade de São Paulo, suas demandas exigiram meses de diálogo entre os alunos, professores e lideranças locais. O projeto se desenvolveu cuidadosamente por meio da escuta das demandas deste povo e de vínculos que foram se estabelecendo ao longo do processo. Assim, atendeu às demandas do programa que contava com um salão principal para cursos e exposições, um terraço e uma sala fechada que funcionariam como escritório e depósito de equipamentos audiovisuais. Os materiais adotados foram escolhidos respeitando a cultura Guarani, bem como alguns dos seus maiores pilares, que são a sustentabilidade e preservação da natureza: valores fundamentais na cultura Guarani.

Fundação do Escritório Modelo

A Escola da Cidade, em conformidade com as novas normativas do MEC, criou no ano de 2019 um espaço para a instalação do Escritório Modelo dos alunos de graduação. O Escritório Modelo é organizado pelos estudantes que se colocam à disposição de realizar trabalhos profissionais que podem ser caracterizados como extensão universitária, bem como realizar colaborações nos trabalhos como grupo de apoio ao Conselho Técnico.



assessoria técnica para mutirão parque boa esperança (MST leste 1). acervo conselho técnico



reforma da biblioteca vilanova artigas. foto: lauro rocha

edifício e reformas

O Conselho Técnico vem ao longo dos anos, desde o nascimento da Escola da Cidade, coordenando a reforma e adequação do edifício sede para suas necessidades. No ano de 2019, foi promovida a reforma dos pavimentos térreo e subsolo, que são aqueles mais públicos da Escola e que, desta maneira, devem ser bem acessíveis e mais expostos, se comunicando efetivamente com a cidade. Os pavimentos, térreo e subsolo foram integrados como um grande pavimento público duplo e muito visível da rua. A solução foi possível com o rebaixamento do térreo em três fossos na parte de trás do edifício – criando três pátios abertos ao nível do subsolo – e a demolição de toda a fachada do térreo, inclusive rasgando parte da laje que chegava até o alinhamento da calçada, deixando o subsolo ventilado naturalmente e, portanto, mais habitável e de acordo com as normas de segurança.

O resultado deste projeto foi obtido através de processos coletivos de criação, coordenados pelo Conselho Técnico. Não existe um autor deste projeto; um grande número de professores, alunos e ex-alunos participaram desta reflexão. Em 2016, promovemos a atividade "A Escola em 26h", envolvendo toda a comunidade da Faculdade em uma atividade pedagógica de uma semana. Foram 26h de reflexão, conversas e propostas sobre as possibilidades de transformação dos

espaços e sua adaptação aos princípios pedagógicos em constante evolução. Os alunos, organizados em equipes, puderam desenvolver propostas em variados formatos de apresentação, do mobiliário à setorização da ocupação do edifício. A única regra era contribuir com a discussão e propostas sobre o nosso espaço. Os professores puderam, ao orientar os trabalhos, expor suas críticas e conhecer mais profundamente a apreensão que os alunos faziam da Escola.

O resultado desta reflexão e projeto foi finalmente executado entre o final de 2018 e julho de 2019, instalando no pavimento térreo a Galeria da Cidade, espaço de mostra e divulgação da arquitetura e urbanismo, gerido pela Escola da Cidade e, no subsolo, a Biblioteca Vilanova Artigas, agora instalada de forma mais definitiva, com mais espaço para acervo e locais de estudo.

Equipe Manutenção Escola da Cidade

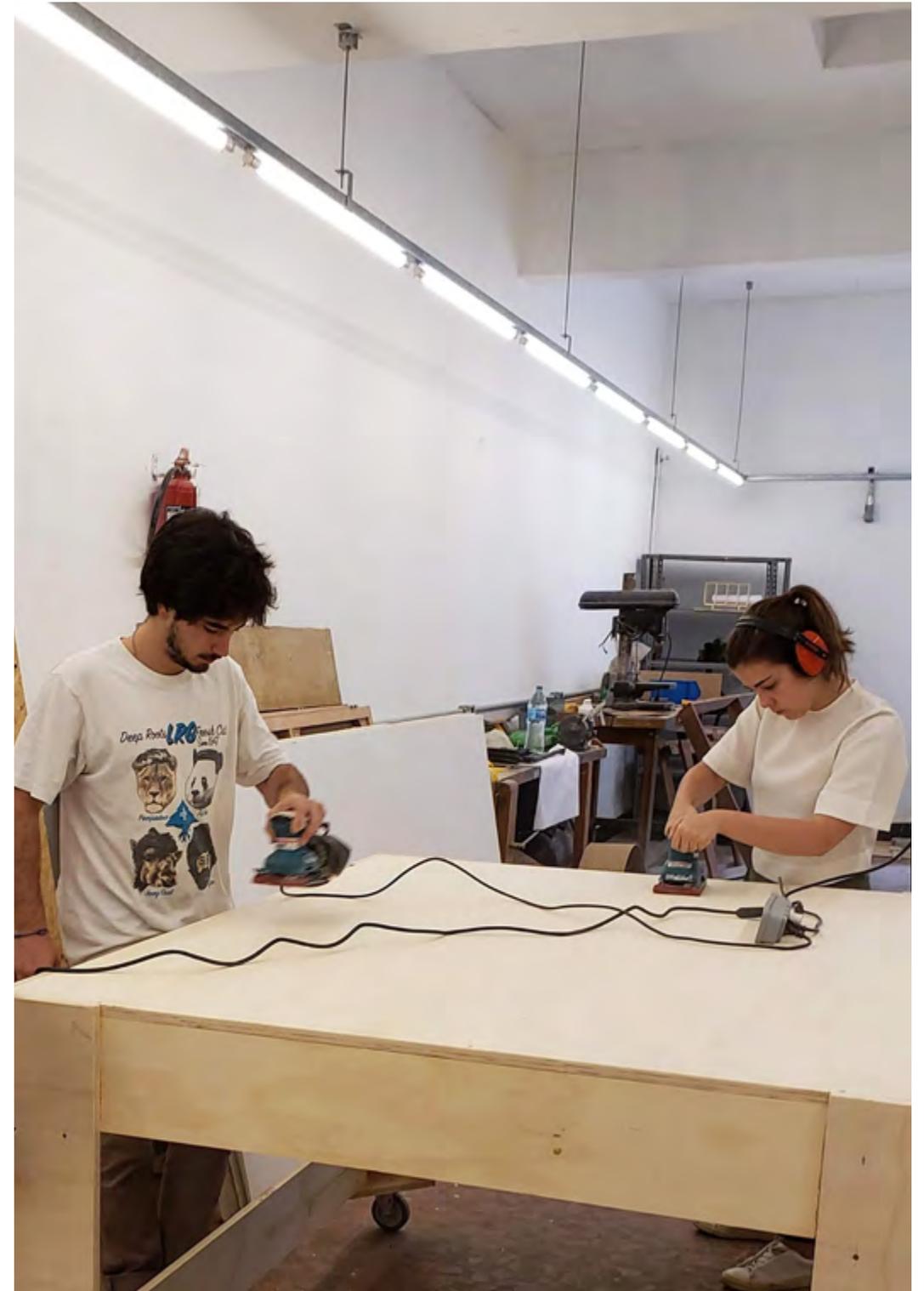
Para a manutenção, pequenos ajustes e adaptações dos espaços do edifício da Escola para os cursos que estão instalados e acontecendo no prédio, o Conselho Técnico criou um grupo específico de trabalho, a partir de 2019, também composto de professores, alunos e ex-alunos, que cuidam de uma forma interativa, sustentável e pedagógica dos assuntos relativos à manutenção do edifício.

oficina

No ano de 2019, a Escola da Cidade alugou um outro imóvel próximo (cerca de 400 m ou 5 min à pé), um galpão para abrigar a Fábrica, que é o projeto de laboratório e oficina de apoio necessário para as formulações pedagógicas e produção de modelos e protótipos para os dois cursos: Escola da Cidade e Fábrica-Escola de

Humanidades. A ideia é a que a Fábrica seja composta das seguintes oficinas:

- Marcenaria/maquetaria;
- Canteiro de concreto;
- Serralheria;
- Modelagem eletrônica;
- Gráfica;
- Laboratórios de conforto e tecnologia



eletiva de marcenaria no galpão fábrica

7.

conselho social



abertura da exposição casas paulistanas: 2000 - 2017 na galeria

apresentação

O Conselho Social da Escola da Cidade se ocupa das relações entre a Escola e a sociedade, em sentido amplo. Nessa linha, procura levar as produções da instituição para um público maior e, ao mesmo tempo, trazer novos olhares, novos parceiros e novas iniciativas para o nosso cotidiano. O Conselho também se encarrega de organizar a comunicação interna e externa da instituição.

Concretamente falando, essas amplas relações de troca possíveis dão-se regularmente através do Núcleo Audiovisual (Baú), da Editora Escola da Cidade, da nossa Galeria da Cidade (galeria de exposições) e de um cuidadoso trabalho de relações institucionais, nacional e internacional. Essas trocas envolvem também a elaboração e a

realização de projetos comuns, convênios e ações diversas – em cooperação frequente e direta com os demais Conselhos que compõem nossa Associação. O trabalho do Conselho Social visa assim o encontro de sinergias que promovam os valores fundacionais da nossa escola, a saber: defesa da democracia, compromisso com a transparência, combate à desigualdade, direito à cidade, melhoria das condições de vida, responsabilidade ambiental, alocação racional de recursos, promoção do conhecimento e valorização da educação.

A energia desse Conselho se dirige também ao trabalho estratégico de contribuir na captação de recursos para o nosso Fundo Patrimonial e para a manutenção de nosso programa de bolsas sócio-econômicas.

editora escola da cidade

A Editora Escola da Cidade desenvolve publicações a partir de demandas da faculdade, como os guias da Escola Itinerante, e projetos editoriais propostos por docentes e estudantes com relevância para o campo da arquitetura e do urbanismo. Desde 2017 a Editora conta com o apoio do núcleo de design que elabora os projetos gráficos e a diagramação dos livros. Assim, em 2019, tivemos alguns lançamentos importantes nesta trajetória e no processo de construção de uma identidade.

Um guia de arquitetura de São Paulo: doze percursos e cento e vinte e quatro projetos, organizado por Fabio Valentim, é um projeto que conta com a colaboração de diversos professores nos textos e imagens de fotógrafos, estudantes e arquitetos formados pela Escola. Em coedição com a WMF Martins Fontes, teve o conteúdo produzido originalmente no âmbito da faculdade. Estão em produção as versões em inglês e em formato e-book. A publicação ganhou, ainda, um prêmio do IAB-SP 2019.

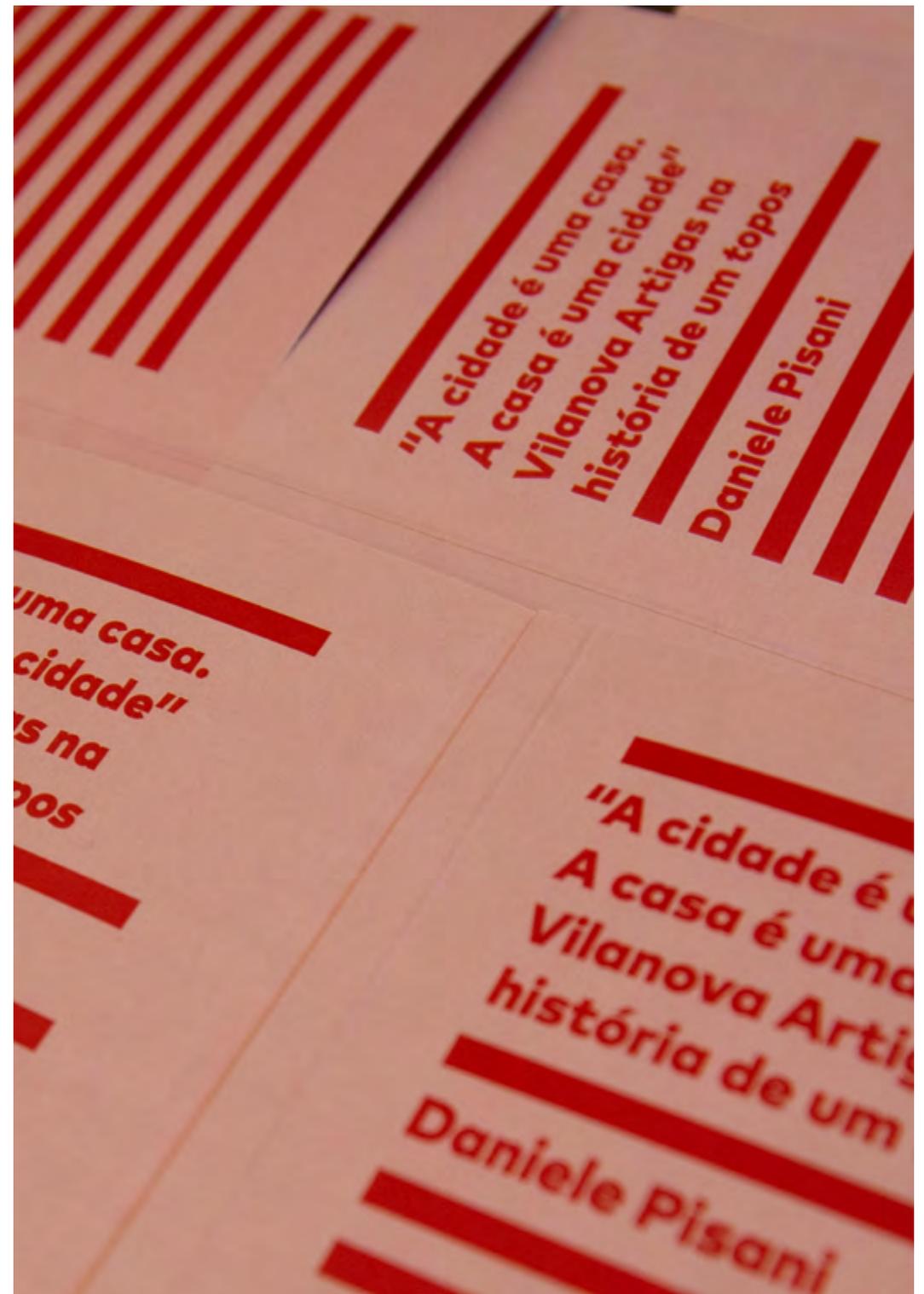
O professor e artista Claudio Mubarak organizou um compêndio de textos históricos acerca do ensino do desenho no Brasil a partir de um convite da editora a realizar uma publicação que abarcasse a discussão feita em uma aula sobre o tema, oferecida algumas vezes na faculdade. *Sobre o desenho no Brasil* reúne contribuições importantes nesse debate, desde o século XIX até os dias de hoje, e

obras de artistas contemporâneos ao período em que foi produzido cada texto. O lançamento, na sede do IAB-SP, contou com a presença da professora Ana Maria Belluzzo e do professor da Escola Gilberto Mariotti, além do autor.

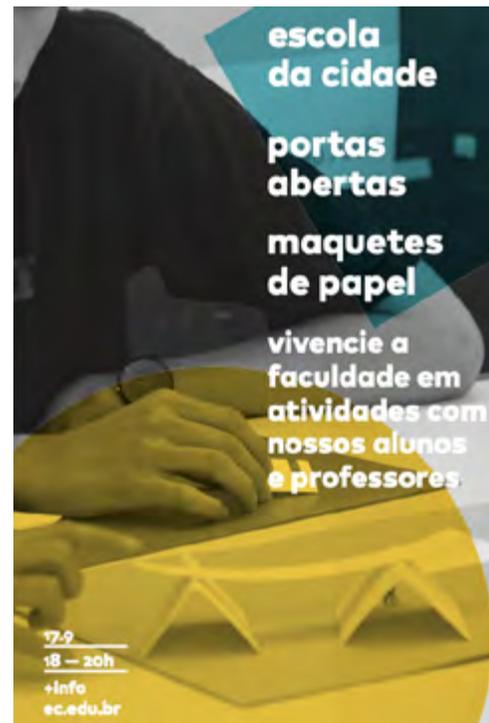
Em setembro de 2019 foi lançado ainda um livro do pesquisador italiano Daniele Pisani, uma tradução de texto inédito feita por Mauricio Santana Dias. Nele constrói uma genealogia da frase que dá título à obra: *"A cidade é uma casa. A casa é uma cidade"*. *Vilanova Artigas na história de um topos*. A publicação marca o início de uma série de títulos de textos traduzidos (inéditos ou não) com o intuito de contribuir com referências bibliográficas no nosso idioma, sobretudo no campo da teoria crítica e história da arquitetura e do urbanismo.

Em novembro tivemos o lançamento de um livro feito em parceria com um coletivo composto majoritariamente por arquitetos graduados pela Escola. O livro *Arquitetura contemporânea no Paraguai* foi organizado pelo Goma Oficina, em coedição com a editora Romano Guerra.

Ao longo do ano produzimos seis guias para as viagens da Escola Itinerante e trabalhamos em alguns projetos que estão em andamento, como a tradução de textos da pesquisadora Beatriz Colomina e a coleção arquitetos da cidade, em coedição com as Edições Sesc, que trará monografias de escritórios de arquitetura contemporâneos.



capa do livro "a cidade é uma casa. a casa é uma cidade" de danielle pisani



núcleo de design

O núcleo de design é responsável pela identidade e a comunicação visual da Escola. Criado em 2017, o núcleo teve como projeto-piloto o desenvolvimento da arquitetura de marcas da associação. Entendendo seu caráter laboratorial e pedagógico, o processo de construção da identidade visual da Escola se deu por meio de um conjunto de conversas e análises que, por fim, geraram um entendimento coletivo daquilo que a Escola é — e também daquilo que ela deseja ser.

A metodologia construída nesse projeto inaugural pauta todas ações do núcleo. Investigar e entender — para então projetar. Desse modo, o núcleo se coloca na missão, sem fim, de entender e questionar o modo como a Escola se comunica, criando um diálogo constante com as diferentes áreas da associação.

As principais atividades do núcleo de design ao longo de 2019 foram:

- Colaboração para o desenvolvimento das estratégias e do macro-planejamento da comunicação da Escola da Cidade. Entre as ações realizadas está o realinhamento das redes sociais como um todo.
- Produção de materiais gráficos para mídias e site
- Cartazes de seminários e aulas
- Projeto gráfico revista Cadernos de Pesquisa
- Projeto gráfico novo molescola
- Identidade dos seminários internacionais 2018 e 2019
- Identidade visual do processo seletivo 2019
- Identidade visual dos cursos livres
- Identidade visual da pós graduação 2019
- Projeto gráfico revista América
- Projeto gráfico jornal a escola e a cidade
- Projeto gráfico material institucional, código de ética e anuário 2018
- Material gráfico para jornada científica
- Projeto gráfico para catálogo do Estúdio Vertical
- Identidade visual exposição arquitetura de exceção: O Pavilhão do Brasil na Expo'70, Paulo Mendes da Rocha
- Projeto gráfico e diagramação para "um guia de arquitetura de São Paulo"
- Projeto gráfico e diagramação do livro Sobre o desenho no Brasil, org. Claudio Mubarac.
- Projeto gráfico livro "A cidade é uma casa. A casa é uma cidade" de Danielle Pisani.



baú

Baú é o núcleo audiovisual da Escola da Cidade, gerido por alunos, ex-alunos e professores, que além de um arquivo, em permanente construção, de todo o conhecimento produzido pela associação, tem como objetivo abrir discussões sobre arquitetura e suas fronteiras urbanas para além dos limites da faculdade.

É responsável por captar, organizar e publicar os conteúdos audiovisuais aqui gerados, como aulas, palestras e seminários, por meio de uma plataforma aberta de pesquisa e referência, além de oferecer um momento para discussão das questões da visualidade na arquitetura, incentivando produções autorais dos alunos participantes.

Suas principais atividades ao longo de 2019 foram:

- Captação dos Seminários de Cultura e Realidade Contemporânea
- Captação de aulas da Pós-Graduação
- Captação do XIV Seminário Internacional
- Registo e cobertura da exposição Estúdio Deriva Japão
- Produção de vídeo sobre o programa de Vivência Externa
- Produção de vídeo sobre o Estúdio Vertical
- Cobertura do lançamento da Revista Cadernos #7 e #8
- Cobertura do lançamento da exposição Vila dos Mellos
- Cobertura do evento Dentro da Pós
- Produção de vídeo para BIAU Chile
- Fotos dos livros da Editora Escola da Cidade
- Produção do Vídeo Institucional 2020
- Captação Sesc 24 de Maio
- Cobertura dos eventos de Portas Abertas
- Cobertura Bienal de SP
- Cobertura da exposição Uma Biografia Gráfica
- Captação de depoimentos para os 20 anos da Escola
- Cobertura do lançamento da exposição Casas Paulista
- Registro da inauguração da Biblioteca
- Cobertura do lançamento do Guia de Arquitetura de São Paulo
- Cobertura da Jornada de Iniciação Científica
- Cobertura do lançamento da exposição MSTC
- Registro de exposição e aulas abertas
- Jorge Wilhelm no Sesc Consolação
- Cobertura Processo Seletivo 2020
- Captação e edição de material sobre AI Borde



gravações com os professores para a divulgação do guia de arquitetura de são paulo e para o arquivo de depoimentos sobre a fundação da escola da cidade



exposição são paulo: uma biografia gráfica

galeria

Em 2019 foi dado andamento à agenda de atividades da Galeria da Cidade, inaugurada em outubro de 2018. Trata-se da primeira Galeria dedicada a exposições de arquitetura no Brasil, a partir da reformulação do uso do térreo do edifício Oswaldo Bratke, sede de nossa Associação. O espaço, com 30 metros lineares de vidro voltados para a cidade, promove o caráter público da Faculdade e acentua a relação direta entre a rua e a galeria. Dividido em dois ambientes, o local tem como critério receber exposições de maiores conteúdos e de maior tempo de permanência, em seu espaço maior. Já para o espaço menor, as exposições deverão ser mais transitórias,

com objetivo de ampliar o espectro de colaboração entre ex-alunos, arquitetos, professores ou instituições parceiras que tenham como intenção trazer a arquitetura para o debate público. A Galeria se propõe aberta para o recebimento de propostas de exposições e eventos. Sequência em ordem cronológica das exposições de 2019:

Arquitetura de Exceção - O Pavilhão do Brasil na Expo'70 Osaka

Sob a curadoria de José Paulo Gouvêa, com montagem de Alvaro Razuk, arquitetos e professores da Escola da Cidade e com co-curadoria do arquiteto e professor da Escola



apresentação dos músicos bruno lourensetto e soledad yaya,
convidados da aula da pós-graduação geografia, cidade e arquitetura

da Cidade Alexandre Benoit e pelo arquiteto e professor da Unicamp, Rafael Urano Frajndlich, a exposição atualiza o edifício e expõe os seus propósitos; da proposta do concurso até o inédito projeto estrutural de engenharia, mostrando ao público aspectos pouco conhecidos desta importante obra de Paulo Mendes da Rocha.

A exposição é fruto de uma parceria de fomento com o CAU/SP – Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo.

Exposição Ocupa SP

Como parte da programação do XIV Seminário Internacional da Escola da Cidade – Ainda o Direito à Cidade, foi realizada exposição referente ao Estúdio Vertical, com uma seleção de trabalhos dos estudantes realizados no segundo semestre de 2018, de acordo com o mote "Ocupa SP".

Novos Caminhos Para Habitação Social

O curso de Pós Habitação e Cidade, oferecido na Escola da Cidade comemorou 10 anos de existência com a exposição e série de mesas "Novos Caminhos para a Habitação Social".

A exposição apresentou uma pequena mostra de projetos realizados por alunos do curso, durante seus períodos de ateliê. Dez projetos foram selecionados, organizados em cinco chaves (requalificação das áreas centrais; intervenções em áreas vulneráveis; consolidação das periferias; criação de tecido urbano; reprogramação da relação com as águas) e um vídeo foi produzido para compor um painel das atividades realizadas ao longo das dez edições que se celebram. O objetivo foi refletir sobre

possibilidades na transformação de nossas cidades, a partir da construção da Habitação, em um sentido ampliado (ou pleno) de moradia associada a infraestrutura e equipamentos.

Concurso Vila dos Mellos

O Conselho Técnico da Escola da Cidade promoveu a exposição "Concurso Vila dos Mellos", com trinta trabalhos, que demonstravam o panorama de uma produção arquitetônica de qualidade.

O certame foi promovido pela Escola da Cidade com o objetivo de selecionar cinco projetos modelo de residência unifamiliar, com construção racionalizada para a implantação no Condomínio Vila dos Mellos – empreendimento que prevê a construção de 101 casas.

Ainda o Direito à Cidade?

O Estúdio Vertical expôs os resultados dos trabalhos propostos ao longo do primeiro semestre, com o tema "Ainda o Direito à Cidade".

São Paulo: Uma Biografia Gráfica

A exposição apresentou um retrato da cidade de São Paulo, narrando seu acelerado crescimento através de arquivos, fotografias, desenhos originais e textos.

Foi desenvolvida a partir do livro de Felipe Correa, que leva o mesmo nome, e é o primeiro estudo que compreende a evolução urbana de São Paulo e atual forma urbis. A mostra que teve a curadoria de Felipe Correa, Sol Camacho, Devin Dobrowolsky, Anthony Averbek, em colaboração com a Escola da Cidade, trouxe para São Paulo uma nova leitura dessa complexa e única metrópole que



parte da identidade visual da exposição casas paulistas: 2000 - 2017



exposição MSTC - moradia como prática de cidadania



abertura da exposição são paulo: uma biografia gráfica

possibilitará novas maneiras de se pensar seu futuro.

Realizada em uma parceria com a University of Virginia, The Haddad Foundation e o Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo.

A Arquitetura das Cadeiras

A Escola da Cidade sediou a exposição "A arquitetura da cadeira", com dez cadeiras assinadas por diferentes arquitetos, que aconteceu como parte da programação da primeira edição da Desenha, evento de design que reuniu aproximadamente 80 criadores(as) e espaços sob a supervisão artística de Ademir Bueno e curadoria de André Araújo, Carlois Amorim e Ramsés Marçal.

Casas Paulistas: 2000-2017

A exposição apresentou uma amostra da produção residencial contemporânea através da seleção de 12 casas construídas na área metropolitana de São Paulo, com obras dos escritórios SPBR, MMBB, SIAA, Grupo SP, Longato Pirondi, Apiacás, Brasil Arquitetura, Andrade Morettin, UNA, Obra, Terra e Tuma, Drucker Arquitetura.

Com curadoria de Romullo Baratto e concepção de Ruben Otero, reuniu projetos de residências paulistas construídas a partir da virada do século, e fez parte de uma série de exposições brasileiras na capital europeia da cultura de 2019.

MSTC - Moradia Como Prática de Cidadania

A exposição apresenta um panorama histórico do Movimento Sem Teto do Centro e sua série de ações de formação cidadã e de luta pelo acesso à moradia

digna para o trabalhador de menor renda na cidade de São Paulo. O Movimento é colaborador da Escola da Cidade desde 2014, com envolvimento em atividades pedagógicas, que tiveram início com o projeto de direção de arte do longa metragem "Era O Hotel Cambridge" (2016).

A mostra apresenta a produção desenvolvida em 2019 junto ao MSTC, pelo Estúdio 9 de Julho (plataforma de pesquisa da Escola da Cidade), com O Grupo Inteiro (Carol Tonetti, Claudio Bueno, Lígia Nobre e Vitor Cesar), para a Chicago Architecture Biennial 2019, intitulada "... And other such stories".

Estão expostas publicações e trabalhos desenvolvidos sobre o movimento por pesquisadores, junto às videoinstalações "Quem não luta tá morto" (2016-19), de Virgínia de Medeiros, e "Quem ocupa, cuida" (2019) do coletivo Aparelhamento.

Estúdio Deriva

Exposição apresenta o material resultante da viagem de 2010 ao Japão. O programa Estúdio Deriva, desenvolvido pela Escola da Cidade, é dividido em três partes: aulas preparatórias ministradas durante todo o primeiro semestre, a viagem no mês de julho e, na segunda metade do ano, reuniões para a montagem de exposição e catálogo.

8.

**composição
e estrutura**



fachada da escola da cidade. foto: lauro rocha

associação escola da cidade 2019

presidência

alvaro puntoni
fernando viégas
marta moreira

conselho escola faculdade de arquitetura e urbanismo

cristiane muniz (diretora)
maira rios (diretora adjunta)
vinicius andrade (coordenador)
eduardo ferroni (coordenador)

conselho científico

anália amorim (diretora)
marianna boghosian al assal (diretora adjunta)
jósé paulo gouvêa (coordenador)

conselho técnico

guilherme paoliello (diretor)
felipe noto (coordenador)

conselho social e comunicação

anderson freitas (diretor)
alexandre benoit (coordenador)
luis felipe abbud (coordenador)

conselho fábrica escola de humanidades

ciro pironi (diretor)
rafic farah (diretor adjunto)
vitor hugo pissaia (coordenador)
renata paladini (coordenadora)

corpo docente graduação

alexandre villares
alexandre benoit
alvaro razuk
amália cristovão dos santos
ana carolina tonetti
ana maria lindenberg

anália amorim
anarrita buoro
anderson freitas
andré vainer
angela amaral
anna beatriz ayroza galvão
anna juni fontes coutinho
anselmo turazzi
camila toledo
camille bianchi
carla caffè
carlos palladini
carlos augusto ferrata
carolina akemi nakahara
césar shundi iwamizu
cicero ferraz cruz
cristiane muniz
daniel corsi
daniel todtmann montandon
eduardo colonelli
eduardo ferroni
fábio valentim
fabrizio lenci
fany galender
felipe melachos
felipe noto
fernanda barbara
fernanda neiva
francisco fanucci
gabriel kogan
gerald vespaziano puntoni
gilberto mariotti
guilherme paoliello
gustavo chacon
hermann tatsch
joana barossi
joaquim elói toleto
jósé guilherme pereira leite
jósé guilherme schutzer
jósé maria de macedo filho
jósé paulo neves gouvêa

josé rolleberg de mello filho
 juliana braga costa
 leonardo loyolla
 ligia miranda
 lua nitsche
 luis felipe abbud
 luis mauro freire
 luiz carlos chicherchio
 luiz eduardo junqueira
 marcelo maia rosa
 marcio kogan
 marcos boldarini
 marcio sattin
 glória kok
 marianna boghosian al assal
 maria julia herklotz
 mario reali
 marta moreira
 marta lagreca
 mauro munhoz
 moracy amaral e almeida
 newton massafumi yamato
 omar dalank
 pablo hereñú
 paula dedecca
 paulo von poser
 pedro barros
 pedro beresin
 pedro lopes
 pedro tuma
 rafael otoni gonçalves
 rafic farah
 ricardo granata
 roberto pompéia
 ruben otero
 sebastian beck
 sérgio sandler
 silvio oksman
 sol camacho
 thiago benucci
 valdemir lucio rosa

vinícius andrade
 vinicius spira
 vito macchione
 vitor cesar
 vitor hugo pissaia
 yuri quevedo

professores disciplinas eletivas

graduação

caio boucinhas
 celso longo
 daniel trench
 dalia katz
 denis ferri
 fabiola bérغامo
 fernanda pitta
 giulia godinho ramos ribeiro
 isabel teixeira sperry cesar
 joão paulo meirelles
 josé lotufo
 laura teixeira
 luis octávio pereira lopes faria e silva
 marina pereira lacerda
 nicolás llano
 paula janovitch
 pedro ivo cordeiro freire
 priscila sacchetin
 sabrina fontenele
 sidney linhares
 thais brant
 thiago freitas mendes

professores assistentes

graduação

ana carolina hidalgo martini
 adriane de luca teixeira
 alexandre francisco gil
 andré ferreira
 amanda ribeiro
 barbara fernandes
 beatriz marques de oliveira

beatriz vanzolini moretti
 bibiana araujo tini
 bruno lopes
 bruno silveira carvalho
 camila valencio
 carlos augusto arruda
 emiliano homrich
 flavio johnsen barossi
 flavia bueno
 gabriel biselli
 guilherme figueiredo
 gustavo kerr
 helena cavalheiro
 helena kozuchowicz
 heloisa oliveira
 isabella de bonis silva simões
 isadora airoldi
 joão lucena busko
 julia junqueira ribeiro pinto
 laís labate
 laura pappalardo
 lia naomi guglielmetti untem
 ligia zilbersjtein
 livia baldini
 louise uchôa
 luiza menezes thomaz
 maria basile
 maria rosa de oliveira leite de almeida
 mariana rezende d'oliveira
 mariana pereira santos gomes silva
 matheus molinari
 murilo lazari
 olivia stiubiener abrahão
 pablo ribeiro lanza
 paola ornaghi
 paula monroy
 pedro motta
 raiane rosi duque
 renata de paula fonseca palladini
 rodrigo voegeli
 sofia vilela borges

tania knapp silva
 victor oliveira
 yuri faustinoni

corpo docente pós graduação

pós graduação "geografia, cidade e arquitetura"

alvaro punttoni (coordenador)
 fernando viegas (coordenador)
 ana paula castro (professora)
 marianna boghosian al assal (professora)
 tiago mesquita (professor)

pós graduação "habitação e cidade"

luis octavio de faria e silva (coordenador)
 ruben otero (coordenador)
 rafael abeline (professor assistente)
 anaclaudia rossbach (professora)
 angela amaral (professora)
 elisabete frança (professora)
 josé rolleberg (professor)
 maria teresa cardoso fedeli (professora)
 violeta kubrusly (professora)

pós graduação "arquitetura, educação e sociedade"

ana carolina tonetti (coordenadora)
 maira rios (coordenadora)
 noelia monteiro (professora)

pós graduação "mobilidade e cidade contemporânea"

marta lagreca (coordenadora)
 pablo hereñú (coordenador)
 pedro sales (coordenador)
 joaquin sabaté (coordenador associado)
 pedro lang (professor assistente)
 bruna pizzol (professora)
 carolina heldt (professora)
 katia canova (professora)
 manuel herce (professor)

milton braga (professor)
 newton massafumi (professor)
 reginaprospéri meyer (professora)
 tácio pio da silveira (professor)
 tainá a. bittencourt (professora)
 vladimir fernandes maciel (professor)

pós graduação "conceber e construir"

anália amorim (coordenadora)
 roberto pompeia (coordenador)
 valdemir lucio rosa (coordenador)
 Fábio Gallo Júnior (professor)
 felipe corres melachos (professor)
 José Guilherme Pereira Leite (professor)
 ricardo caruana (professor)

secretaria

cecilia amaro (apoio direção, convênios acadêmicos e suporte pós graduação)
 cesar augusto de souza brigatti (atendimento aos alunos e registro acadêmico)
 erika santos machado (secretária acadêmica)
 jairo bissolato (atendimento aos alunos e registro acadêmico)
 roseli silva vecchio (suporte processo seletivo)
 thais carneiro da silva (atendimento aos alunos e financeiro)
 vera lúcia barreto moreira (secretária acadêmica)

financeiro, recursos humanos e

contabilidade

dayse lymberopoulos
 luana rodrigues de torres
 gabriele liandra augusto de souza
 tamara pereira

assessoria jurídica

correia e correia advogados
 barbosa e spalding advogados

biblioteca vilanova artigas

edina rodrigues de faria assis
 mariana britto dos santos
 giovanna mileó da silva

apoio psicológico

natália barbieri
 clarissa motta

comunicação

camila regis (assessoria imprensa)
 caio sertório (site e mídias digitais)
 cobogó relações públicas

núcleo de design

celso longo (coordenador)
 daniel trench (coordenador)
 mateus tenuta
 manuella leboreiro
 anita solitrenick
 giani pardini
 marina schiesari

baú

alexandre benoit (coordenador)
 clarissa mohany
 annabel melo
 sérgio peralta
 laura tomiatti
 fernanda teixeira
 giovana tak
 lúmina kikuchi

editora da escola da cidade 2019

anderson freitas (diretor)
 Fábio Rago Valentim (coordenador)
 José Paulo Neves Gouvêa (coordenador)

marina rago
 gabriella gonçalles
 alexandre bassani
 gabriela duarte
 hiram latorre
 karime zaher
 mariana caldas
 thais albuquerque

manutenção predial, suporte audiovisual, informática, portaria, copa, recepção e limpeza

adelmo pereira de souza lima
 andre luis pinto mafra
 antonio ferreira da silva
 elineide duarte
 josefa gomes viana
 luiz carlos aparecido
 jessica oliveira carvalho
 maguinier alves ferreira
 maria gorete da silva
 maria josé de souza
 marilene da silva bastos
 mario francisco dos santos
 mario teixeira lima junior
 marli valeriana dos santos
 roselia oliveira do nascimento
 lsc engenharia

projeto gráfico e diagramação

núcleo de design 2020

celso longo (coordenador)
 daniel trench (coordenador)
 Débora Filippini
 beatriz oliveira
 gabriel dutra
 juliana simantob

I rua general jardim, 65, vila buarque
E cep 01223-011, são paulo, sp, brasil
C + info: ec.edu.br